



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MANOEL GONÇALVES DE OLIVEIRA

**O RÁDIO COMO FONTE DE CULTURA MUSICAL E A
IMPORTÂNCIA DA MUSICALIDADE DE LUIZ GONZAGA NO
MUNICÍPIO DE AURORA- CEARÁ**

CAJAZEIRAS-PB

2017

MANOEL GONÇALVES DE OLIVEIRA

**O RÁDIO COMO FONTE DE CULTURA MUSICAL E A
IMPORTÂNCIA DA MUSICALIDADE DE LUIZ GONZAGA NO
MUNICÍPIO DE AURORA- CEARÁ**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) referente à Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção de nota.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Rita Uhle

CAJAZEIRAS-PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

O482r Oliveira, Manoel Gonçalves de.
O radio como fonte de cultura musical e a importância da musicalidade de Luiz Gonzaga no município de Aurora - Ceará / Manoel Gonçalves de Oliveira. - Cajazeiras, 2017.
74f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rita Uhle.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1. Rádio - Aurora-Ce. 2. Rádio - programação. 3. Rádio - Baião. 4. Luiz Gonzaga. I. Uhle, Ana Rita. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

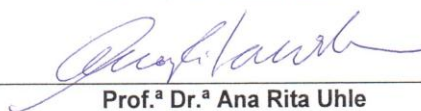
CDU - 654.16(813.1)

MANOEL GONÇALVES DE OLIVEIRA

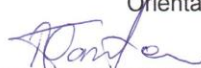
**O RÁDIO COMO FONTE DE CULTURA MUSICAL E A
IMPORTÂNCIA DA MUSICALIDADE DE LUIZ GONZAGA NO
MUNICÍPIO DE AURORA- CEARÁ**

Aprovado em: 09 / 10 / 2017

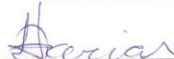
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Ana Rita Uhle
Universidade Federal de Campina Grande
Orientadora



Prof.ª Dr.ª Rosemere Olimpio de Santana
Universidade Federal de Campina Grande
Examinadora interna



Prof. Ms. Leonardo Bruno Farias
Universidade Federal de Campina Grande
Examinador interno

Prof.ª Dr.ª Rosilene Alves de Melo
Universidade Federal de Campina Grande
Suplente

CAJAZEIRAS-PB

2017

Dedico este trabalho à minha mãe (*in memoriam*) e aos meus avós, que me criaram desde os quatro anos de idade, sempre me apoiando e me incentivando a nunca desistir e a lutar pelos meus sonhos e objetivos. Especialmente à minha avó, pois se cheguei onde estou foi por causa dela.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele nunca teria chegado aqui, sempre me concedendo força, bênção, sabedoria, para que eu trilhasse meu caminho, sempre realizando meus sonhos e objetivos, agraciando-me com o dom da persistência em nunca desistir de lutar e seguir em frente no caminho da educação.

À minha família, por sempre acreditar que eu chegaria nesse momento, incentivando-me, apoiando-me em todas as decisões da minha vida, sempre me dando forças para lutar e seguir em frente; à minha vó, que me criou desde os quatro anos de idade, agradeço a Deus por ela na minha vida; ao meu avô, pois sem a inspiração que tive dele jamais teria realizado essa pesquisa; às minhas tias, primos, irmãos, aos quais são testemunhas diárias dos meus esforços e por sempre estarem me apoiando.

À minha orientadora Ana Rita, que desde o começo da minha trajetória acadêmica abraçou meu trabalho, e desde então me orientou da melhor maneira possível, agradeço muito pela sua dedicação, ensinamentos e pela paciência que teve comigo, você é um exemplo de professora e levarei seu ensinamento em toda minha vida. Obrigado!

Agradeço a todos os professores do curso de História, dos quais guardarei cada ensinamento que obtive, cada um com seus conhecimentos e suas experiências me tornaram um cidadão capaz de enfrentar e resolver todas as dificuldades que esse caminho proporciona. Obrigado, mestres!

Agradeço à minha turma, que desde o início do curso e ao longo desses anos que estivemos juntos, sempre permanecemos unidos, fazendo nossa história, com muitos momentos de emoção, alegria e tristeza pelas despedidas. Momentos que guardarei para sempre na memória e no meu coração e jamais me esquecerei de vocês. Não poderia desejar turma melhor, portanto, obrigado, minha família. Em especial agradeço a Lineker Alves, Fabrício Timóteo, Francimário Rufino, Eveline Cesário, Leandro Rogério, Eliane Bento, Bruno Nunes, Fabilene Felix, irmãos e irmãs que a vida me deu e que sempre terão um espaço especial no meu coração.

Agradeço a todos os amigos do ônibus pelas nossas lutas diárias. Agradeço também a todas aquelas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente na minha trajetória, destacando aqui os comunicadores Aleu Coelho e Pedro Guedes, que me ajudaram da melhor forma possível e tiveram grande contribuição nesse trabalho acadêmico.

Peço perdão se esqueci de citar alguém, mas saiba que sem a sua ajuda eu não teria concluído esse trabalho.

O meu cabelo já começa prateando
Mas a Sanfona Ainda não desafinou
A minha voz vocês reparem eu cantando
Que é a mesma voz de quando meu reinado começou.
(Luiz Gonzaga)

RESUMO

O presente trabalho aborda a importância do rádio no município de Aurora, Ceará, nas emissoras “FM Aurora do Povo 102,3 FM” e “Sol Nascente 91,1 FM”, destacando a musicalidade e a cultura do baião que ambas possuem em suas programações. Investigamos o quanto é importante a manutenção e a permanência de programas com temas voltados às canções do baião, como forma de preservação do legado e da memória através das músicas de Luiz Gonzaga. Procuramos analisar como, hoje em dia, no contexto de Aurora, o rádio se tornou um dos principais meios de propagação da cultura gonzaguiana, através de programas específicos em tributo à memória e a tradição criada pelo Rei do Baião.

Palavras-chave: Música, Rádio, Luiz Gonzaga.

ABSTRACT

The present work approaches the importance of radio in the city of Aurora, Ceará, Brazil, in the stations "*FM Aurora do Povo 102.3 FM*" and "*Sol Nascente 91,1 FM*", highlighting the musicality and culture of the baião that both rádios have in their schedules. We investigate how important it is to maintain programs with themes related to the baião songs, as a way of preserving the legacy and memory through the songs of Luiz Gonzaga. We seek to analyze how, in the context of Aurora city, the radio has become one of the main means of propagating the *gonzaguiana* culture, through specific programs in tribute to memory and the tradition created by the King of Baião.

Keywords: Music. Radio. Luiz Gonzaga.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – AS PRIMEIRAS RÁDIOS EM AURORA E O SURGIMENTO DE LUIZ GONZAGA EM PROGRAMAS DE AUDITÓRIO	165
1.1 AS PRIMEIRAS TRANSMISSÕES RADIOFÔNICAS	165
1.2 O ARTISTA DO POVO	22
CAPÍTULO 2 – O BAIÃO COMO EXPRESSÃO DE CULTURA MUSICAL	27
2.1 UM RITMO DE TRADIÇÃO NORDESTINA.....	27
2.2 A CULTURA DO BAIÃO NAS RÁDIOS DE AURORA.....	30
CAPÍTULO 3 – AS CANÇÕES E SEU LEGADO CULTURAL	387
3.1 A MÚSICA E SUAS PERCEPÇÕES.....	37
3.2 O BAIÃO: QUEM OUVI NUNCA ESQUECE	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	476
REFERÊNCIAS.....	487
APÊNDICES.....	49
ANEXOS.....	68

INTRODUÇÃO

O rádio é um veículo de comunicação em massa que, desde o seu surgimento no Brasil na década de 1920, até dias atuais, tem o seu espaço em meio às novas tecnologias (TV, Celulares, computadores e internet). Ainda é presente mesmo em uma sociedade com muitos recursos tecnológicos, onde convivemos com inovações e transformações cotidianas que buscam, a todo instante, inserir em nossas vidas aquilo que há de mais avançado.

Com o aperfeiçoamento dessas tecnologias, o rádio perdeu muito da sua popularidade, deixando de ser o principal meio de comunicação, como o era no passado, no período de auge da audiência (1930-1950).

Contudo, hoje em dia, o rádio continua se aperfeiçoando e se modernizando, sendo considerado por muitos como um dos meios de comunicação mais influentes na atualidade, por fornecer um leque de conteúdo, como: informações, entretenimento, cultura e diversão para os que o acompanham. Exemplos desses conteúdos são: apresentações de artistas locais, que usam o rádio para divulgar suas obras e canções, jornais informativos que nos atualizam dos assuntos locais, nacionais, esportivos e mundiais. Programas voltados ao entretenimento, sempre contando com a participação dos ouvintes que interagem pedindo suas músicas.

O presente trabalho tem como objetivo principal investigar o papel do rádio na propagação da cultura do baião em Aurora-CE, ao analisar os programas cujo tema e obra é em tributo à memória de Luiz Gonzaga nas principais rádios do município. O rádio e o baião se constituem como temática de grande importância historiográfica, em virtude da complexidade que as músicas proporcionam. Muitos são os estudos que analisam o baião por reconhecê-lo de fundamental importância para a cultura nordestina.

Essa escolha do tema se fundamenta nos primeiros contatos com as músicas de Luiz Gonzaga, pois a curiosidade de entender e conhecer cada vez mais sobre sua pessoa, quem era e de onde veio, e quais eram suas principais motivações e inspirações que o levaram a compor as músicas sempre esteve presente. Outro motivo fundamental foi a curiosidade de entender a influência

que a música de Luiz Gonzaga tem sobre meu avô, pois o mesmo canta, se diverte e não perde um programa de rádio cujo tema é o baião.

Para o desenvolvimento desse trabalho, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica a partir de um levantamento de autores que se debruçam em temáticas relacionadas à música, analisando a importância do rádio como cultura musical, e autores que remontam à história do rádio no Brasil, por entender que são informações fundamentais para o desenvolvimento das ideias. Dentre estes, e outros mais, estão: Calabre (2002), Lopes (2009), Santos (2004), Rodrigues (2009), Hobsbawm (1984), Sobral (2003), Cordeiro (2008).

Outro ponto a ser destacado é a possibilidade de analisar o surgimento das primeiras rádios no município de Aurora, por percebermos que não existem estudos sobre essa temática, contribuindo, assim, para trabalhos de futuros pesquisadores.

Para a realização dessa pesquisa contaremos com a ferramenta da história oral, usando o depoimento de comunicadores que estão atuando desde o início das primeiras transmissões no município. A escolha da história oral ocorreu por não existir documentação oficial que pudesse responder às nossas questões.

Outro ponto a ser destacado é a pesquisa do conjunto de músicas de Luiz Gonzaga que cada emissora de rádio usa, em seus programas, para atrair seus ouvintes, juntamente com a interação dos mesmos, os pedidos de música, a seleção das mais tocadas e aquelas pelas quais eles têm maior preferência.

No primeiro capítulo será abordado o surgimento das primeiras transmissões radiofônicas experimentais no município de Aurora-CE, através de fontes orais de comunicadores auroreenses. Para a realização das entrevistas, contamos com o apoio de leituras de autores como: Freitas (2002) e Andrade (2009), que desenvolvem pesquisas com História Oral e apontam diferentes perspectivas sobre o tema.

Para Freitas (2002) “(...) História oral tem três gêneros distintos: a tradição geral, história de vida, história temática”. Devido à escolha do tema

central, esse estudo se propõe a analisar a história temática, por entender que essas entrevistas vão engrandecer e nos ajudar na compreensão dos problemas de pesquisa e, conseqüentemente, irão responder à questão central do trabalho. Segundo Freitas (2002, p. 21).

Com a História Oral temática, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante.

Essas entrevistas nos ajudam a entender como se deu o início do rádio no município, destacando também as leis constitucionais que as autorizam a funcionar legalmente, datando assim o nascimento das primeiras emissoras e transmissões radiofônicas, trazendo informação, notícia e entretenimento para a população aurorense. Novidade essa que chegou muito tempo após a sua formação político-administrativa, sendo datada em fins dos anos 90, quando o rádio já fazia parte do cenário brasileiro há muitas décadas.

No segundo capítulo abordaremos o baião como forma de tradição inventada seguindo na concepção de Rodrigues (2009), tendo como principal referência teórica Hobsbawm (1984), que nos ajuda a pensar como se dá o processo de criação das tradições, possibilitando um entendimento de como o baião foi uma criação de Luiz Gonzaga, que permanece presente e é muito importante para a cultura nordestina. Analisarei também os principais programas que são apresentados nas rádios do município, destacando a opinião e a satisfação dos comunicadores em fazer essas homenagens ao Rei do Baião.

No terceiro capítulo, trataremos de analisar as principais músicas que ambas as rádios têm em comum, entendendo as maneiras de como elas podem ser percebidas. Crispim (2013) nos explica as influências que elas podem exercer, alertando que essa percepção pode ser de várias maneiras, por exemplo, um ouvinte pode lembrar certa história que está relacionada às canções, já outro ouvindo a mesma música pode remeter-se ao passado e a vida no campo que ele presenciou. Meu avô, por exemplo, canta e ri ouvindo

tais canções, ou seja, dando a impressão que aquela canção, de algum modo, o faz lembrar algo engraçado que por ele foi presenciado. Como base referencial teórica temos Ribeiro (2003) e Silva (2008), que analisam várias canções de Luiz Gonzaga. Segundo Sobral (2003, p. 69),

Na análise das músicas, percebe-se palavras e frases coloquiais do cotidiano nordestino – principalmente do interior e do sertão. Como Gonzaga nasceu em Exu, sertão de Pernambuco, ele priorizou como identidade musical a utilização dessa linguagem e do sotaque regional. O uso da linguagem de suas músicas carrega expressões culturais populares, o que acabou por aproximá-lo do seu público.

Retornarei à história oral a partir de entrevistas com ouvintes, estabelecendo pontes por meio das memórias relacionadas às músicas. Ao final, é analisada uma entrevista inédita, concedida pelo próprio Luiz Gonzaga, quando o mesmo esteve visitando Aurora no ano de 1974.

CAPÍTULO 1

AS PRIMEIRAS RÁDIOS EM AURORA E O SURGIMENTO DE LUIZ GONZAGA EM PROGRAMAS DE AUDITÓRIO

1.1. AS PRIMEIRAS TRANSMISSÕES RADIOFÔNICAS

Aurora, conhecida como a Terra do Sol Nascente, é um município da região sul do Ceará, conhecida como Cariri, e fica localizada a 465 km da capital, Fortaleza, sendo a BR 116 o principal meio de acesso à cidade. Seu bioma predominante é a caatinga, e possui uma população de 24.566 habitantes (IBGE 2010). O município é cortado pelo rio Salgado, e sua principal fonte de renda econômica é baseada na agricultura.

A história das primeiras transmissões de rádio é datada em fins dos anos de 1990. Aurora conta com 133 anos, e só depois de muitas décadas de emancipação política é que de fato teve suas primeiras transmissões radiofônicas, algo bem distante do cenário nacional, uma vez que o rádio no Brasil é datado na década de 1920, segundo Calabre (2002).

Estando presente em muitas das cidades nordestinas, somente no final da década de 1990, ou seja, 70 anos após o surgimento do rádio no Brasil, é que começam a surgir as primeiras transmissões no município. Com denominações de “rádios comunitárias”, em 1998 era inaugurada a rádio 97,1 FM e, posteriormente, a Beija-flor FM e a Vale do sol FM. Funcionavam sob a força de uma liminar concedida pelo judiciário local, de acordo com o comunicador Pedro Guedes, em entrevista concedida a nós:

Nós tivemos realmente uma situação de espera para termos um veículo de comunicação em Aurora. Isso começou com as rádios comunitárias, né, as rádios que até em tão era ditas como piratas, elas funcionavam através de uma liminar que era dada por um Juiz aqui em Aurora. Nós tivemos essa, digamos, “facilidade” porque esse Juiz ele concedia exatamente essa

autorização através dessa liminar para que as rádios funcionassem (sic) (locutor Pedro Guedes, entrevista, 2017).

Com o passar do tempo, mesmo funcionando com a autorização do judiciário local, as emissoras comunitárias no município não conseguiram atender todas as exigências que regem as leis das rádios comunitárias no país, como a Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, sendo, assim, classificadas como piratas e conseqüentemente obrigadas a desligar seus transmissores. Em entrevista, o veterano da radiodifusão em Aurora, o locutor Pedro Guedes, que atua desde o início do funcionamento, conta quais foram os motivos que levaram essas rádios a serem fechadas:

Surgiu uma rádio denominada de 97,1 uma rádio comunitária. Depois foi surgindo mais outra, a Beija flor FM, que funcionou ali no bairro Araçá, e como se não bastasse, veio uma outra, a rádio Vale do Sol, no centro da cidade, que funcionou também. Eram três, aí foram fechando em função de situações adversas porque a gente não tinha um plano, digamos, mais caracterizado para que essas rádios pudesse funcionar a contento, tinha que renovar membros de associação de diretoria, tinha que criar livro de ata, enfim, e a gente naquele momento não tinha exatamente as condições necessárias, porque precisava realmente de pessoas imbuídas de interesse para que as rádios funcionassem, mas não foi isso tão somente a situação. A questão é que o órgão responsável né, no caso a ANATEL, ela conseguiu depois ir cancelando essas rádios né, depois viram que essas rádios não poderia mais funcionar porque rezava dentro da lei da rádio comunitária que ela não poderia ir além das fronteiras, tinha que ser um rádio local e elas começaram a ter um raio de atuação além fronteiras, ou seja, fora de nossa cidade e isso chamou a atenção da ANATEL (sic) (locutor Pedro Guedes, entrevista, 2017).

No ano de 2000 foi inaugurada a Rádio Educativa de Aurora, sendo uma concessão do Ministério das Comunicações, operando atualmente sob o prefixo 102,3 e se mantendo no ar com o respaldo do citado ministério. É coordenada por uma fundação denominada de FUNCAP, sendo, assim, a primeira rádio a funcionar legalmente no município. Pouco mais de uma década depois da inauguração da primeira rádio, no ano de 2012, surgiu no cenário radiofônico de Aurora a Rádio Sol Nascente, que veio consolidar de uma vez por todas o serviço de radiodifusão no município. Sendo uma emissora oficial

(rádio comercial), operando na frequência 91,1 pertencendo à iniciativa privada do grupo Aurora Comunicações LTDA., concedida pelo Ministério das Comunicações por conta de muito esforço do grupo que a coordena, foi inaugurada oficialmente no dia 31 de março de 2012. O locutor Pedro Guedes nos afirma:

(...) com o passar do tempo foi surgindo exatamente duas emissoras oficiais autorizadas outorgadas pelo Ministério das Comunicações, onde nós temos duas, que foi a primeira a 102,3 e conseqüentemente a outra, que é essa aqui que a gente presta serviço, a Sol Nascente FM 91,1, que é a primeira rádio oficial de Aurora dita, dita não, verdadeiramente comercial, portanto, temos duas agora, rádios que são oficializadas, não são mais rádios comunitárias nem piratas, enfim, são rádios autorizadas, ou seja, outorgadas diretamente pelo Ministério das Comunicações para funcionar sem nenhum problema. Então a gente louva a iniciativa dessas pessoas, e conseqüentemente acabaram aqueles problemas de fecha e abre rádio comunitária e tal, não vai mais funcionar aqui, elas já pagam seus encargos e funciona normalmente (sic) (locutor Pedro Guedes, entrevista, 2017).

Atualmente, o município conta com apenas essas duas rádios em pleno funcionamento. A rádio FM Aurora do Povo 102,3, a pioneira a funcionar legalmente e a que está há mais tempo em transmissão no município, que pela portaria nº 281 de 01/07/2004, aprovada pelo decreto legislativo nº 389/2006 publicado no dia 31/07/2006, é autorizada a funcionar legalmente sem fins lucrativos, apenas com a função de divulgar informação, cultura e entretenimento para a população. E a Sol Nascente FM 91,1, que pertence à iniciativa privada, com a finalidade de trazer informação, diversão e entretenimento para a população. Ambas têm a função de informar sobre as mais variadas notícias, como esporte, economia, política, divulgação de talentos locais e programas musicais, atendendo assim aos mais variados gostos e preferências musicais, entre outros assuntos locais e nacionais.

Os programas de Luiz Gonzaga que ambas as rádios têm em sua grade de programação são muito importantes para o município, pois é aquele espaço reservado para divulgação do baião tocado por Luiz Gonzaga. Na FM Aurora do Povo 102,3, o programa se chama “Forrozão 102” e conta com a

apresentação do comunicador Aleudo Coelho, que vai ao ar de segunda a sexta das 16h às 18h, tendo em sua grade musical inúmeras músicas do Rei do Baião e de outros artistas do gênero musical forró.

Na Rádio sol Nascente FM 91,1 tem o programa “Numa Sala de Reboco” com músicas apenas de Luiz Gonzaga, e apresentação do locutor pioneiro no cenário radiofônico do município, Pedro Guedes, que vai ao ar apenas no sábado das 16h às 18h. É o momento no qual são lembradas as principais músicas que fizeram sucesso no histórico musical gonzaguiano. São programas que destacam um pouco da importância do rádio no município para a divulgação da cultura do baião.

Em Aurora, os serviços de radiodifusão estão prestes a completarem apenas duas décadas. A rádio, ao longo das décadas, se tornou uma ferramenta muito usada em todo mundo por se tratar de um meio de comunicação que pode abranger muitos lugares ao mesmo tempo, levando informações e sendo capaz de mudar o modo de vida das pessoas. No Brasil, essa novidade tecnológica chegou no início dos anos 1920, segundo Calabre (2002, p. 47):

No Brasil, o rádio fez sua apresentação pública e oficial em 1922, na Exposição nacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. A montagem das exposições nacionais era uma prática comum da época. Eventos de projeção nacional, as exposições serviam como uma espécie de vitrine, na qual os países participantes exibiam, entre outras coisas, as novidades tecnológicas.

Essa primeira demonstração do funcionamento do rádio no Brasil, mesmo com uma péssima qualidade de captação e recepção, trouxe um pouco de espanto, mas também seria uma ferramenta fundamental que o povo brasileiro abraçou com muito entusiasmo. Por outro lado, o mesmo seria uma valiosíssima ferramenta de cunho político, sendo exaustivamente usado por Getúlio Vargas para expor seu projeto político de governo no Estado Novo. Ainda de acordo com Calabre (2002, p. 48):

Os pioneiros do rádio brasileiro foram Roquete Pinto e Henrique Morize. Ao fundarem a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, eles pretendiam uma emissora de rádio com finalidades estritamente culturais e educativos, nos moldes das que estavam surgindo em alguns países da Europa.

No início, as primeiras rádios experimentais no Brasil tinham o papel de divulgar cultura e educação para seus ouvintes, muitas delas seguiram esse modelo, porém, algumas, em sua programação, apresentavam conteúdos específicos como músicas clássicas, óperas, entre outros, que agradavam a elite, pois eles eram os únicos que tinham os recursos financeiros necessários para se manter as rádios funcionando. Na tentativa de obterem tais recursos, as emissoras que foram surgindo no país adotaram o modelo de rádio sociedades, que em seus estatutos previam a existência de associados, com a obrigação de colaborar com uma determinada quantia mensal, tornando os associados os principais colaboradores (CALABRE, 2002).

Era natural o colaborador ter todo controle da programação que mais lhes agradasse e, conseqüentemente, escolher somente o que quisesse ouvir. Produziam-se apenas programas informativos ou musicais. Mesmo com as condições não favoráveis para o funcionamento das rádios, muitas foram as que surgiram. Com esse aumento constante de emissoras, as transmissões só poderiam funcionar se tivessem registro do Estado para que houvesse maior controle, passando a funcionar sobre decretos de lei, como afirma Calabre (2002, p. 53).

Em 05/11/1924, o Presidente da República, Arthur Bernardes, aprovou o decreto 16.657 que regulamentava os serviços de radiotelegrafia e de radiotelefonia, os serviços de radiodifusão, ou o *broad-casting* (como era chamado na época), foram incluídos nos serviços de radiotelegrafia.

Podemos observar o interesse do Estado em ter controle sobre as primeiras rádios, pois o Brasil passava por um processo de modernização e queria a todo custo se desligar do passado. A chegada do rádio no Brasil, junto com a modernização que o país começava a passar, trouxe grandes benefícios ao seu desenvolvimento. Com o advento das publicidades e propagandas, “a

partir do decreto 21.111, as emissoras de rádio poderiam destinar 10% (dez por cento) de cada programa à irradiação de textos comerciais” (CALABRE, 2002). Com esse decreto o rádio teve uma evolução muito grande, pois além de uma nova fonte de renda, as emissoras passariam a se organizarem melhor e, conseqüentemente, teria certa disputa em se modernizar tecnologicamente para melhorar a qualidade auditiva e ampliação do sinal para atender as demandas que o mercado exigia.

Percebe-se qual seria o futuro do rádio já nos anos iniciais, visando novas fontes de arrecadação de dinheiro, elas passaram a investir em programas populares, que atendessem a todas as camadas da sociedade, por exemplo: programas de calouros, radionovelas e programas de auditório, fazendo com que esse crescimento fosse cada vez maior, mudando até mesmo a rotina da sociedade, tornando seus ouvintes cada vez mais exigentes, podendo escolher qual rádio ficaria no ar de acordo com a avaliação do gosto popular: “A aprovação ou rejeição de um determinado modelo de programação pelo público ouvinte é, em geral, medida pelas pesquisas de audiência” como nos lembra Calabre (2002).

Dependendo dessas pesquisas, as rádios corriam o risco de saírem do ar por não conseguirem agradar seu público ouvinte. Com o crescimento da popularidade das emissoras os ouvintes passaram a não querer mais somente ouvir seus artistas favoritos (CALABRE, 2002). Devido a essa pressão por parte dos ouvintes, as rádios se organizaram e passaram a receber seu público no próprio auditório, passando a se organizarem e melhorarem a parte estrutural dos seus estúdios.

Ainda segundo Calabre (2002), “A importância dos auditórios crescia. No final de 1930 e início de 1940, as emissoras começaram a ampliar suas instalações”. Os auditórios eram muito concorridos, a ponto de muitas pessoas ficarem várias horas nas filas aguardando para comprarem um ingresso.

Outro fenômeno de audiência foram os programas de calouros que surgiram em meados da década de 30. “Os programas de calouros eram a grande oportunidade, muitas vezes a única, de um cantor anônimo tentar a sorte no rádio” (CALABRE, 2002). Sempre com apresentações ao vivo dos

cantores populares, contando novamente com a presença do auditório — que geralmente funcionava como juiz das apresentações. Segundo Calabre (2002), participar de um concurso de calouros poderia ser, de fato, a chave da porta de entrada para o estrelato radiofônico.

O sucesso dos programas de calouros foi muito grande, pois revelavam grandes artistas e faziam lançamentos de músicas populares, tendo já a aprovação ou rejeição do público, sem contar que era uma honra para os artistas a oportunidade de se apresentarem nas principais rádios, possibilitando-os ficarem conhecidos e, conseqüentemente, conseguirem algum contrato num estúdio de gravação e vender seus discos, como foi o exemplo de Luiz Gonzaga. Ainda segundo Calabre (2002, p. 248-249),

Os quatro primeiros colocados – dois cantores e duas cantores – tinham como prêmio a assinatura de um contrato com a Rádio Nacional e com uma gravadora. E além disso, os dois primeiros colocados – um homem e uma moça – receberiam um prêmio de 10mil cruzeiros oferecido pelos patrocinadores do concurso.

1.2. O ARTISTA DO POVO

Em meio a muitos outros artistas que se apresentaram nos shows de calouros, surgiu no rádio um nordestino, filho de um sanfoneiro muito conhecido no Exu-PE e região, o qual lhe ensinou todas as técnicas da sanfona. Luiz Gonzaga, ou Lula, como ficou conhecido popularmente, que migrou do Nordeste para tentar a vida como militar, depois de sair de casa muito novo, já fazia apresentações musicais nas ruas, nos mangues, cais, bares, e nos cabarés da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, até então sem reconhecimento e sem expressão alguma.

Em seu repertório ele sempre tocava chorinho, valsa, tango, entre outros ritmos. Até que, um dia, segundo Dreyfus (1996), “no bar Cidade Nova, no Mangue, estudantes cearenses pediram que ele tocasse música nordestina”. Mal sabia Gonzaga que esse seria o seu maior trunfo e que conquistaria não

só o público do rádio, mas se tornaria um fenômeno no Brasil inteiro com seu ritmo próprio.

Em 1940 Luiz Gonzaga participava do programa de calouros da Rádio Tupi, o qual era, na época, considerado o melhor e mais exigente programa de calouros da rádio, apresentado por Ary Barroso. Ganhou o primeiro lugar com a música "Vira e Mexe". Segundo Santos (2004), "Dada a relevância dessa apresentação, realizada em março de 1940, podemos considerá-la como o início da carreira artística de Luiz Gonzaga na Música Popular Brasileira". A plateia que funcionava como um termômetro das apresentações aprovou, e os jurados ficaram impressionados lhe dando nota máxima, logo tem se início a carreira de Luiz Gonzaga começando sua trajetória no rádio, tocando e cantando músicas típicas da sua região. Para Lopes (2009, p. 3) a escolha dos temas nordestinos em suas músicas foi a grande sacada de Luiz Gonzaga:

Os temas evocavam o cotidiano do sertão nordestino: os temas folclóricos; os tipos humanos do sertão; a saudade da terra natal tão peculiar ao exilado; a natureza, incluindo flora e fauna; o Nordeste árido da seca; a religiosidade tradicional católica popular; as tristezas humanas; a sensualidade, as alegrias; as festas.

Com seu repertório Gonzaga viu a possibilidade, no rádio, de transmitir seus fragmentos de memória e da saudade que sentia de sua terra, desde que saíra de sua cidade natal Exu, no estado do Pernambuco, para se alistar no exército, sentimentos que lhe possibilitaram a dramatização do cenário nordestino.

A pesar do preconceito por causa do seu linguajar nordestino e informal, em 1945 Luiz Gonzaga lançou seu primeiro disco intitulado "A Mazurca dança Mariquinha". Aos poucos ele se tornava um fenômeno nas rádios, e devido ao grande êxodo do povo do Nordeste para os grandes centros urbanos das regiões ao sul do país (com as promessas de oferta de empregos oferecidos pelo governo de Getúlio Vargas), se sentia mais incentivado a divulgar e a cantar as manifestações culturais e musicais do Nordeste. Esses migrantes eram os principais consumidores de seus discos, pois as canções lhes

possibilitavam amenizar suas dores por estarem longe de casa, ao mesmo tempo trazendo a cultura do Nordeste pra perto deles.

As grandes parcerias de Luiz Gonzaga foram parte de seus trunfos para alavancar de vez seu sucesso musical, tendo como um dos principais o advogado e compositor cearense, Humberto Teixeira, que logo de início fez junto com Luiz Gonzaga a composição da música “No meu pé de serra”, canção que até hoje é muito tocada e reproduzida em festas juninas em todo o Nordeste brasileiro, por se tratar de uma canção que evoca saudades de um modo de vida que os migrantes nordestinos tinham antes de sair de suas casas, como se relata na própria letra da música.

Albuquerque Jr (2001) nos afirma que “As canções de Luiz Gonzaga foram de grande contribuição para esse surgimento do espaço da saudade nordestina”. Segundo Santos (2004), essa imigração deveu-se ao “aceleramento industrial promovido pelo governo Vargas nos estados da Região Sudeste, com destaque para as capitais do estado do Rio de Janeiro e São Paulo”. Nascia ali o estilo musical único criado por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira denominado Baião.

Convém destacar que Luiz Gonzaga identifica-se como estilizador de um ritmo que fazia parte do cenário musical nordestino. O sanfoneiro afirma que sua atuação se deu ao acrescentar a combinação instrumental – sanfona, triângulo e zabumba – tornando o baião um ritmo acessível ao meio urbano (SANTOS, 2004, p. 45).

O período de maior sucesso de Luiz Gonzaga no rádio foi da década de 40 até finais da década de 50, nesse período o Brasil todo já cantava e se emocionava com suas canções. Shows e gravações de discos já faziam parte da rotina do Rei do Baião. Depois de Carmen Miranda, Luiz Gonzaga foi o grande ícone da cultura popular brasileira, e grande influenciador de futuros artistas brasileiros.

Em suas músicas, Luiz Gonzaga sempre teve a preocupação em mostrar as belezas do sertão, o qual boa parte do Brasil não conhecia, pois no imaginário do povo sulista o Nordeste era composto de seca, fome e miséria. Porém, Luiz Gonzaga não negava tais problemas que de fato existiam, e

muitas de suas canções foram de apelo principalmente às autoridades políticas para que olhassem com mais atenção sofrimento do seu povo, como afirma Ribeiro (2003, p. 79):

Percebe-se em Gonzaga uma postura de porta-voz do seu povo, não apenas divulgando sua cultura, mas defendendo-lhes política e socialmente, através de músicas de protesto. Gonzaga também possuía uma sensibilidade para com os problemas do povo nordestino, mas cantou também sua vida pessoal com seus pais, família e amigos, apresentando a vida boa de morar e viver no Nordeste, mesmo quando expressou também suas tristezas.

Luiz Gonzaga nunca esquecia o seu povo e queria a todo instante poder colaborar para ajudar nos problemas sociais da região. Resolveu fazer uma turnê por todo o país, sendo o primeiro artista brasileiro a fazer esse tipo de evento, e a região Nordeste foi o local que recebeu a grande maioria dos shows, nos quais o Rei do Baião era muito bem recebido, e por onde passou foi plantando sementes que futuramente seriam de grande importância para a Música Popular Brasileira.

Era comum que os artistas radiofônicos, no mínimo uma vez por ano, saíssem em excursão pelo país. As temporadas pelo interior do Brasil era uma das formas que os artistas encontravam para complementar seus rendimentos, devido aos baixos salários pagos pelo rádio (CALEBRE, 2002, p. 235-236).

Essa turnê organizada por Gonzaga pelo Brasil foi um ponto importante para que sua popularidade, principalmente na região Nordeste, chegasse a grandes níveis, a ponto de cada show levar uma quantidade enorme de público para prestigiá-lo. Em entrevista, Luiz Gonzaga falava das motivações que o fizeram voltar pra junto de seu povo: “eu regressei à terra mãe. Faço isso porque eu levei a minha vida toda cantando o sertão, o meu pé de serra, a minha gente, então que quero ser leal, quero ser fiel às minhas cantigas” (Luiz Gonzaga em entrevista concedida na cidade de Aurora em 1974).

Nesse momento, Gonzaga se torna o principal representante da cultura e do povo nordestino, que via em suas canções o retrato de uma realidade a

qual esse povo vivia, a alegria em reverenciar Luiz Gonzaga era grande, pois os nordestinos só tinham acesso a suas canções pelos rádios, e até aquele momento, não tinham tido a chance de um contato direto. Segundo Dreyfus (1996), “boa parte das arrecadações dos shows realizados por Luiz Gonzaga era destinada a doações em prol de famílias carentes da região”, e esse ato de solidariedade por parte do artista o fez ter um grande reconhecimento, sendo respeitado e admirado pelo povo nordestino, que o via como um artista defensor de sua cultura e de suas tradições.

CAPÍTULO 2

O BAIÃO COMO EXPRESSÃO DE CULTURA MUSICAL

2.1 UM RITMO DE TRADIÇÃO NORDESTINA

O baião criado por Luiz Gonzaga se tornou muito importante para a cultura nordestina, em suas canções ele cantava as alegrias e as tristezas da vida do povo sertanejo. No início de sua composição, o baião conseguiu se tornar popular em todo o território brasileiro, sendo muito difundido entre os imigrantes nordestinos que povoavam as regiões ao sul do país, por trazer lembranças e momentos que eles tinham de sua terra natal.

Luiz Gonzaga, com suas músicas, apresentou um Nordeste desconhecido pela grande maioria do Brasil. Contudo, em boa parte de suas canções, um Nordeste esquecido e abandonado pelas autoridades políticas, e por isso, boa parte das canções foi composta como forma de protesto, tentando sensibilizar para os inúmeros problemas sociais que o povo sertanejo passava.

Na grande maioria das músicas, Luiz Gonzaga cantava e relembrava momentos de sua própria vida, tendo assim a paisagem nordestina como sua principal fonte de inspiração para suas canções. Albuquerque Jr (2001), afirma “que esses elementos nordestinos sempre estiveram ligados a Luiz Gonzaga”, e também destaca que o cantor teve uma grade participação na criação do “espaço da saudade” com sua música.

O Nordeste parece estar sempre no passado, na memória; evocado como o espaço para o qual se quer voltar; um espaço que permaneceria o mesmo. Os lugares, os amores, a família, os animais de estimação, o roçado, ficam como que suspensos no tempo a espera que um dia este migrante volte e reencontre tudo como deixou (ALBUQUERQUE JR, 2002, p. 98).

Luiz Gonzaga e seus parceiros foram responsáveis pela criação da tradição do baião, que na época (1940-1950) se tornou o ritmo mais cantado e

presente em todo território brasileiro. Hobsbawm (1984) defende o conceito de “tradição inventada” entendida por:

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade com o passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1984, p. 9).

As tradições inventadas usam elementos antigos para a criação de novos, assim como fez Luiz Gonzaga ao citar em suas letras de músicas elementos do passado o qual ele mesmo vivenciou quando morava com seus pais na cidade de Exu, no estado do Pernambuco. Muitas são as canções onde ele traz elementos sonoros do ambiente, por exemplo, na música “Samarica Parteira” onde ele narra com muitos detalhes sonoros do ambiente sua ida até a casa de Samarica, que era a parteira da região. Muitas foram as canções especialmente religiosas, que eram tradição na sua região, como demonstra Rodrigues (2009, p. 97):

Luiz Gonzaga traz elementos de uma audição sonora do sertão nordestino, especialmente da Serra do Araripe, relacionados ao canto das ladainhas, dos novenários, de um fazer musical e sua interinfluência com a música sacra-religiosa.

Observa-se a importância de suas músicas para o entendimento da cultura local nordestina, visto que o importante não é o que se extingue, mas o que é possível criar e transformar tomando como referencial antigos costumes. Nesse sentido, a noção de espaço popular atua como instrumento capaz de criar, de se apropriar e produzir significados tomando como base as experiências individuais do próprio Luiz Gonzaga, que por sua vez leva as características do grupo ao qual fez parte, e do lugar onde viveu. Segundo Hobsbawm (1984, p. 99),

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez.

Percebe-se que a invenção da tradição tem um papel importante nas músicas de Luiz Gonzaga. Surge quando o compositor, junto com seus parceiros, usa todos esses elementos auditivos do ambiente nordestino e aplica como ferramenta fundamental para organizar as canções, tornando o baião um gênero musical popular. O repertório se torna uma referência ao passado vivenciado pelo próprio Luiz Gonzaga, com o qual ele estabelece uma continuidade. “Ao observar o processo histórico de tradição inventada em que a música de Gonzaga será instituída, o próprio compositor ressalta que seu trabalho musical advém de seu aprendizado cultural com a família” (RODRIGUES, 2009).

Sua mãe, Santana, cantava ladainhas, novenas e músicas religiosas, e seu pai, mestre Januário, era tocador de sanfona muito conhecido na região e grande influenciador de Luiz Gonzaga durante sua infância. “Consideramos que a invenção de tradição é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado” (HOBSBAWM, 1984).

Em suas músicas, Luiz Gonzaga trazia elementos sonoros típicos de sua região, como: o voo da Asa Branca, o canto do Sabiá, o Assum preto, os sons do “Pé de Serra”, entre outras práticas de cultura instrumental acústica do sertão nordestino. Gonzaga e suas parcerias relacionavam esses elementos e transformava em músicas para seus repertórios, no campo das invenções das tradições, como destaca Rodrigues (2009, p. 99):

Considero que a “invenção da tradição” ocupou um papel importante na obra do Luiz Gonzaga. Essa é reinvenção da tradição que se materializa quando o compositor juntamente com seu parceiro Humberto Teixeira pegaram como base para organizar as canções o baião gênero musical de domínio público. O repertório de Gonzaga foi constituído numa referência ao passado histórico, estabelecendo com ele uma continuidade.

Luiz Gonzaga foi responsável por reinventar as tradições que ele mesmo vivenciou durante suas experiências no período que morou em sua cidade natal, trazendo elementos novos para a criação do baião, o tornando, assim, popular por cantar antigos costumes, que lhe renderam o título de Rei do Baião.

2.2 A CULTURA DO BAIÃO NAS RÁDIOS DE AURORA

No município de Aurora-CE, o rádio é um dos meios de comunicação mais usufruído pela população, que usa o mesmo para ouvir suas músicas prediletas e também para se manter informada dos assuntos do município e regiões circunvizinhas. As rádios oferecem uma grande variedade de programação, tendo o objetivo de atender aos mais variados públicos, com programas esportivos, religiosos, noticiários, de entretenimento, diversão e vários *hits* musicais que atendem a todos os gostos e preferências da população.

Como já mencionado antes, o município conta com duas rádios legalmente funcionando e cada uma com características próprias e programação variada para atender a seus ouvintes, ambas possuem apresentação de talentos locais e dos distritos do município. Aurora é um município da região do Ceará muito conhecida por revelar novos talentos musicais, e inclusive, recentemente, apresentou uma dupla de jovens cantores que se apresentaram em um programa bem prestigiado e de grande audiência em rede nacional. Portanto, o rádio é uma das grandes responsáveis pela divulgação da cultura do município.

Na rádio educativa Aurora do Povo FM 102.3, que atua há mais tempo no município, sua grade de programação engloba as mais variadas programações, que atendem a todos os gostos musicais. Todos os dias, no horário das 16h, tem um programa conhecido como “Forrozão 102”, com a transmissão do jovem comunicador Aleudo Coelho, com duração de duas

horas. O programa é um momento de muito forró, dos mais variados artistas do momento, e, é claro, uma boa variedade de músicas de Luiz Gonzaga.

Na sua *playlist*, a principal música do baião é “Avé Maria Sertaneja”, que é tocada pontualmente às 18:00h todos os dias. Tem também “Asa Branca”, que apresenta um cenário típico nordestino, na perspectiva da seca e das dificuldades enfrentadas pelo povo; “Respeita Januário”, que conta a história do regresso de Luiz Gonzaga à sua cidade natal, com sua sanfona de 120 baixos prateada, mas que, acima de tudo, tinha que respeitar o mestre Januário (seu pai), que lhe ensinou todas as técnicas da sanfona; “A Vida do Viajante”, na qual o cantor narra sua trajetória dando destaque a saudade de suas origens, trazendo informações da vida e dos costumes da população sertaneja, assim como muitas outras que fazem parte do repertório gonzaquiano. Em entrevista, o jovem comunicador Aleudo nos explica como é esse critério de seleção dessas músicas no seu programa:

As músicas elas não são muitas vezes pré-selecionadas, os ouvintes é que pede na hora mesmo, entendeu? Às vezes, na sexta-feira, quando a gente abre o programa, eu coloco duas ou três música de início, aí sim essas de Luiz Gonzaga. Eu escolho de início ou pode ser de outra banda, enfim... aí a gente escolhe essas músicas e coloca no início, meu critério de escolha e qual é esse critério, as músicas mais conhecidas de Luiz Gonzaga, mas no decorrer do programa, dos dias, os ouvintes vão pedindo e a gente vai tocando as músicas que eles pedem, então o critério, basicamente, que eu escolho é as músicas mais tocadas e é só no início do programa, que é onde a gente faz a abertura, depois os ouvintes é que vão pedindo e vão desenrolando e a gente vai atendendo (sic) (Aleudo Coelho, entrevista, 2017).

Em se tratando de músicas de Luiz Gonzaga e sua escolha num programa de rádio, não chega a ser uma tarefa tão fácil, são inúmeras as canções que ele e seus compositores lançaram, cada uma dessas canções tem sua própria história, e seus próprios detalhes. Em um programa que tem duração de duas horas, é impossível de se englobar todo o acervo musical de Luiz Gonzaga, pois, segundo Silva (1997 apud CORDEIRO, 2008, p. 28),

Luiz Gonzaga gravou 625 músicas sem regravação e 992 regravações, somando um total de 1.617 músicas gravadas, distribuídas em 125 discos de 78 rpm, 41 compactos de 33/45 rpm – simples e duplos, 6 LP's de 33rpm/10 polegadas, 79 LP's de 33 rpm/12 polegadas – Originais e 15 LP's de 33 rpm/12 polegadas – Compilações, somando um total de 266 discos gravados. O Rei do Baião compôs 53 canções sozinho, 243 com parcerias e 329 foram apenas interpretadas por ele.

Muito complexa a coleção musical que Luiz Gonzaga e seus compositores construíram numa vida inteira dedicada à música, difícil escolher, dentre tantas, aquela que os ouvintes mais se identifiquem, porém a seleção das mais tocadas ao longo de sua trajetória se torna um bom critério, por apresentar aquelas canções mais conhecidas e que fizeram maior sucesso. Aquelas que o próprio cantor sempre cantava em suas turnês e festas não são suficientes diante da riquíssima coleção musical.

Aleudo Coelho, em entrevista, nos conta a importância de Luiz Gonzaga no seu programa:

Luiz Gonzaga é o mestre né, como a gente fala né, recentemente tive o prazer de entrevistar a maior compositora de forró do Brasil, a Rita de Cassia né, tem clássico aí como “Saga de um vaqueiro”, “Meu vaqueiro meu peão”, “Brilho de Lua” e foi uma honra. E fiz essa mesma pergunta pra ela, e ela disse dessa forma: “Luiz Gonzaga é um mestre”, é a inspiração dela assim como é pra todos nós, eu acho que assim, mesmo com essa juventude hoje com esses costumes, com essas músicas, com essa cultura diferente, eu acredito que Luiz Gonzaga ainda continua sendo o mestre de todos nós, o mestre de quem ama o forró, o mestre de quem valoriza o forró, de quem busca entender um pouquinho a nossa cultura, a nossa música, o nosso forró mesmo. Então acho que Luiz Gonzaga é um mestre, é um mestre, e ele foi, sem sombra de dúvidas, incontestavelmente o maior divulgador da nossa cultura contemporânea (sic) (Aleudo Coelho, entrevista, 2017).

Luiz Gonzaga morreu, mas deixou um legado cultural riquíssimo, não só para o Nordeste e seu povo, mas para todo o Brasil, e sua voz se immortalizou nas programações de rádio, que mantêm sua tradição viva. Mesmo em meio a uma nova cultura musical, Luiz Gonzaga está firmado não só nas rádios de Aurora, mas também na maioria das rádios do Nordeste, cada uma com seus programas específicos com músicas do baião.

Por causa de sua história e de sua importância cultural, mesmo depois de muito tempo de sua morte, Luiz Gonzaga é sempre homenageado, em festas tradicionais, como a festa de São João (que acontece no Brasil inteiro), sendo mais homenageado no Nordeste brasileiro, onde destacamos o São João de Campina Grande, em que todos os anos se prestam homenagens ao Rei do Baião, sem contar que é considerado o maior São João do Brasil. Muitas festas de São João são tradicionais em muitos dos estados nordestinos, nos quais o forró tradicional é a música principal e o mais tocado é o baião, lembrado pelos seguidores de Luiz Gonzaga, que o homenageiam cantando suas canções.

A emissora Sol Nascente FM 91,1, a segunda a funcionar legalmente no município, diferentemente da 102,3 FM, mas a primeira rádio comercial a funcionar por conta de sua estrutura e modernidade e também por fazer parte da iniciativa privada, tem como função informar e divertir a população, e sua grade de programação inclui os mais variados assuntos e *hits* musicais para todos os gostos. Ela conta com um programa específico sobre Luiz Gonzaga, o “Numa sala de reboco”, que vai ao ar somente aos sábados das 16h às 18h, com a apresentação do veterano na radiodifusão de Aurora, Pedro Guedes. No programa são tocadas somente músicas de Luiz Gonzaga, sendo as principais músicas: “Asa branca”, “A triste partida”, “Respeita Januário”, “Eu vou pro Crato”, “Trapeiros da Borborema”, “A Morte do Vaqueiro”, como muitas outras que fazem parte do repertório gonzaguiano. Mas segundo o próprio comunicador, o repertório de músicas que o programa tem é muito vasto, e afirma: “nós temos bagagem aqui do Luiz Gonzaga, sinceramente, até o final do mundo! A gente pode tocar a seleção dele aqui que não acaba, realmente é muito vasta a seleção de Luiz Gonzaga” (sic) (Pedro Guedes, entrevista, 2017).

Na entrevista, o comunicador nos conta como foi o seu início no rádio:

Desde o início eu fui seminarista em Cajazeiras, no Seminário Nossa Senhora Assunção né, seminário lendário, Seminário Nossa Senhora Da Assunção do Cristo Rei, famoso Cristo Rei em Cajazeiras, isso no ano de 1988 né... então faz muito tempo e eu comecei a participar de grupo estudantil no próprio seminário, e a gente tinha que movimentar a turma e eu comecei a usar microfone nessa época, enfim, e depois a

gente apresentava algumas peças e nessa época, em 1988, o seminário não era o seminário, mas a Diocese tinha uma parceria com a Rádio Alto Piranhas AM, inclusive foi uma rádio da Diocese, essa rádio era da Diocese depois foi vendida ao Grupo Arcanjo, cujo dirigente ainda hoje é o seu Antônio, seu Zé Antônio, filho de Seu Arcanjo. Então o grupo comprou a emissora à Diocese, mas nessa época, em 1988, já tinha sido vendida a emissora mas o que foi que aconteceu, o Grupo Arcanjo cedeu gentilmente um espaço à Diocese para que pessoas apresentassem programas religiosos, isso começou com o padre Balberto, com Monsenhor Sitônio, com o próprio Dom Zacarias, que era o bispo da época, e a gente ajudava enquanto seminarista, fazia programas aos domingos, antes da missa das 7h na Igreja Nossa Senhora de Fátima em Cajazeiras (sic) (Pedro Guedes, entrevista, 2017).

Atuando há muito tempo no meio radiofônico, praticamente desde a sua juventude no estado da Paraíba, o comunicador esteve presente logo no início do surgimento das primeiras rádios em Aurora, se tornando, assim, um dos pioneiros nas transmissões radiofônicas no município, pois já tinha uma grande experiência das rádios da cidade de Cajazeiras.

Na rádio Sol Nascente 91,1, onde atualmente ele apresenta o programa “Numa sala de reboco” (nome da autoria do próprio comunicador), é de grande importância para a cultura não só de Aurora, como também do Nordeste, por ser um programa dedicado somente às canções do baião interpretadas por Luiz Gonzaga. Em entrevista, o comunicador nos conta a importância de Gonzaga no seu programa:

Muito, Luiz Gonzaga é, pra mim, acredito que pra maioria dos nordestinos sinceramente, é uma lenda viva. Como eu disse, é uma majestade do forró, e eu fico muito triste às vezes quando as pessoas maltratam a memória de Luiz Gonzaga, fico triste demais, fico muito triste porque se você observar, meu caro Diógenes, hoje a maioria dos nossos compositores, não quero aqui fazer uma crítica, até porque todo mundo tem seu espaço, mas só uma observação, é muito triste quando um compositor, uma pessoa que tem uma certa cultura, coloca no papel uma letra que ofende nossos ouvidos, nossa família, ofende nosso ouvido. Sinceramente, você não consegue ouvir certas músicas perto de uma pessoa de sua família, você até se sente envergonhado com certas músicas, enfim, isso maltrata muito a cultura gonzaguiana (sic) (Pedro Guedes, entrevista, 2017).

Destacando aqui um momento de sua fala quando afirma “isso maltrata muito a cultura gonzaguiana” nada mais é que o retrato da ramificação que o forró tradicional, criado por Luiz Gonzaga, se tornou nos dias de hoje, muito diferente do baião, que na maioria das suas canções era voltado a um tema específico, como a cultura, o sertão, o nordestino. O forró atual se tornou em algo totalmente diferente, assumindo algumas ramificações, por exemplo: forró universitário, forró eletrônico, que assumem papéis totalmente diferentes do forró tradicional conhecido como forró pé-de-serra, criado lá na década de 1940 por Luiz Gonzaga.

Esse estilo que o forró assumiu hoje em dia, onde boa parte das composições musicais apresenta conteúdo com duplo sentido e repleto de vulgaridade, como afirma o comunicador Pedro Guedes, que é um defensor do forró tradicional, maltrata a cultura musical que Luiz Gonzaga deixou. “É muito triste quando um compositor uma pessoa que tem certa cultura coloca no papel uma letra que ofende nosso ouvido nossa família” (Pedro Guedes, entrevista, 2017).

É diante desse cenário que se percebe o quanto é importante o rádio e seu esse papel de “guardião” da cultura gonzaguiana, sempre buscando deixar aquele espaço dedicado às memórias musicais do baião, no qual o próprio sanfoneiro se utilizava de elementos da sua infância, de seu legado cultural que obteve com sua mãe e seu pai, adicionando elementos típicos do sertão de sua época, como: sons típicos da fauna e flora, o povo nordestino, festas, tudo que vivenciou. E com a ajuda de seus compositores, ele reuniu toda essa tradição e fez o baião tradicional que hoje em dia é conhecido como o forró pé-de-serra, que mantém sua originalidade, tem seu legado, sua riqueza cultural, sendo de grande importância na região Nordeste.

Portando, as emissoras 91,1FM e a 102,3 FM, de Aurora, responsáveis pela manutenção desses programas, são de importância ímpar para a cidade por manterem a memória de Luiz Gonzaga viva, assumindo papel de “protetoras” do legado do baião, o apresentando nos programas intitulados “Forrozão 102” e “Numa sala de reboco”, pelos comunicadores Aleudo Coelho e Pedro Guedes.

Não julgamos, nem desqualificamos outros *hits* musicais, pois se sabe que são muitos os artistas contemporâneos que tem como base as músicas e o baião de Luiz Gonzaga. Hoje em dia é natural essa variedade musical, devido à modernidade, maior responsável pela rápida circulação de novidades que surgem no meio musical, atendendo a vários públicos.

Mesmo diante de todas as tecnologias, o rádio continua sendo um dos veículos de comunicação mais usados pelas comunidades, se adaptando às novas tecnologias, transmitindo seus conteúdos local e nacionalmente. Através da internet, é possível ouvir um programa específico de qualquer parte do mundo, sendo um dos principais meios de comunicação. Aleudo Coelho, em seu programa “Forrozão 102”, faz transmissões ao vivo todos os dias divulgando o seu programa para os ouvintes do município e do mundo inteiro que estão conectados pela internet:

Tanto pelo Whatsapp, tanto pelo TIM, tanto pelo Claro, tanto pelo fixo, Facebook também, meu Whatsapp todos os meus ouvintes têm, meu Facebook, Instagram, pessoalmente os ouvintes vão na rádio, eles participam, a gente faz uma transmissão, faz uma zoadada, manda um alô, grava um áudio, é um contato bem direto (sic) (Aleudo Coelho, entrevista, 2017).

Segundo dados do IBGE (2000), o rádio está presente em cerca de 80% dos lares brasileiros, sem considerar os celulares que possuem a função de acesso ao rádio. Se contarmos que a cada sete pessoas uma possui um aparelho, chegando, segundo o IBGE (2011), a 77,9% o número de pessoas que possuem aparelhos celulares, o número aumenta. Além, também, dos automóveis, que são todos equipados com aparelhos de som que sintonizam rádios FM.

O rádio conseguiu dialogar com a modernidade ampliando seu raio de alcance junto à internet, não mais se limitando apenas ao seu restrito e curto alcance de transmissão. É assim usado em todo o território nacional, sendo um dos veículos de comunicação mais presentes na vida das pessoas e tendo a capacidade de transmitir informação, diversão e cultura a todos os lugares.

Afirmando a importância dos programas aqui analisados, que têm a oportunidade de transmitir seus conteúdos a todas as partes através da

internet, fazem com que não só o baião, mas todo e qualquer outro tipo de manifestação cultural abrace um público além-fronteiras, que tem, então, a oportunidade de conhecer um pouco da cultura e tradição de uma região.

CAPÍTULO 3

AS CANÇÕES E SEU LEGADO CULTURAL

3.1 A MÚSICA E SUAS PERCEPÇÕES

A música, hoje em dia, está presente na vida das pessoas, diariamente somos sobrecarregados de canções que a todo instante vão surgindo. Ela tem o poder de despertar determinadas emoções dependendo da melodia que estejamos ouvindo. Para Crispim (2003, p. 31),

A música é um importante recurso no processo de socialização do indivíduo. Ela gera sensações diversas e está presente no dia a dia das pessoas, tendo assim um papel fundamental para a vida do ser humano. A música está presente em todos os momentos da vida do ser humano. É tocada em vários lugares e em várias situações, como em uma trilha sonora de um filme e no carro de som, através de divulgação de anúncios e propagandas.

Devido à modernização, muitos são os meios que nos proporcionam a possibilidade de ouvir músicas. A maneira que essas músicas podem influenciar nossas vidas muitas vezes é positiva, porém, dependendo da interpretação de quem as ouve, pode ser negativa, como alerta Crispim (2013, p. 31-32):

A música excita ao mesmo tempo em que pode acalmar, eleva os pensamentos ao mesmo tempo em que polui a mente. Com isso, ela pode colocar o indivíduo em um momento de reflexão sobre suas atitudes passadas, suas decisões atuais e as novas ideias. Promove o poder ao homem de se elevar e, ao mesmo tempo, o de cair em depressão. Mediante as várias experiências que pode nos ocorrer a partir da audição musical, cita-se a que leva a reflexão sobre um tema específico, ou até mesmo a que nos reporta a lembranças e a várias outras situações.

Hoje em dia, devido ao dinamismo que a música tomou, a todo instante fica mais difícil compreender que tipos de canções estamos ouvindo. A grande maioria das músicas criadas atualmente são, na sua grande maioria, em apologia à vulgaridade, colocando a mulher como principal “objeto” de suas composições, ocasionando entendimentos errados por parte de quem as ouve, atingindo principalmente os jovens que são os maiores influenciados, alterando seus comportamentos, seus grupos de amizades, seus estilos de se vestir, entre outros efeitos. Ouvir e escutar música são ações completamente diferentes, podendo nos confundir no processo de compreensão. Para Crispim (2013, p. 33),

Ouvir é apenas o ato de sentir as ondas sonoras e escutar é ouvir prestando atenção; é estar atento aos sons e não apenas ouvi-los por eles terem sido emitidos. A audição depende muito do contexto em que a música está sendo executada/tocada. De maneira distraída, o ouvinte não escuta o que ouve. Seus pensamentos têm seu foco de atenção em outros objetivos ou estímulos que não o musical, que provavelmente não têm ligação com a música que está sendo tocada.

Portanto, a maneira que cada ouvinte pode interpretar as canções de Luiz Gonzaga na programação das rádios em Aurora é muito heterogênea, pois cada um pode perceber e interpretar da sua maneira, dificilmente terão as mesmas interpretações porque cada indivíduo tem sua própria história relacionada às músicas do baião.

A música é um fator muito importante na vida do indivíduo. Todos ouvem, apreciam, compartilham, mas poucos sabem de sua importância e em que ela pode contribuir. Ela nos traz alegria e tristeza, sensação de vitória, recordações, saudades, lazer. A música é algo que nos toca. Sendo assim, a música possui um papel fundamental no processo de socialização.

Os programas de Luiz Gonzaga, que ambas as emissoras de rádio apresentam, são de grande importância para o município de Aurora-CE por serem aqueles momentos dedicados à divulgação da cultura do baião, muitas são as pessoas que sintonizam seus aparelhos de rádio na hora dos respectivos programas. Contudo, não é a grande preferência da população,

pois o público jovem, em sua grande maioria, não aprecia esses programas por não ter muito conhecimento do repertório musical de Luiz Gonzaga ou até mesmo de sua história, sendo mais difundidas entre este público as ramificações mais atuais do forró. O público principal desses programas se firma numa geração bem mais antiga, pertencendo a uma faixa etária de 40 a 70 anos de idade, pessoas que no passado tiveram contato com o baião através do rádio, que era o principal veículo de comunicação da época, pessoas como meu avô, que ainda hoje não deixa de ouvir as músicas gonzaguianas.

Evitando generalizações, é claro que muitos jovens conhecem e apreciam o baião, que conhecem as músicas de Luiz Gonzaga, sua trajetória, sua história e sabem o quanto ele e suas canções são importantes para o município e para a cultura do Nordeste, a exemplo do jovem comunicador Aleudo Coelho, que nos falou em entrevista sobre a importância de Luiz Gonzaga para ele.

O objetivo principal desses programas sobre Luiz Gonzaga nas rádios 102 FM e 91 FM é propagar a cultura do baião e alcançar todos os públicos, despertando o interesse nos mais jovens para conhecerem sobre o baião e de do sanfoneiro Luiz Gonzaga, podendo entender o quanto ele contribuiu na divulgação e oficialização da cultura da nossa região e do povo nordestino no Brasil inteiro.

As músicas de Luiz Gonzaga, na memória de muitos ouvintes que acompanham os programas nas FM em Aurora, são marcos de lembranças, de rememoração do passado, de pequenos ou até grandes momentos vivenciados ao longo de suas vidas, como se fossem uma ponte ao passado. Em entrevista, o ouvinte Rizalvo nos conta desses momentos:

Quando tinha a idade de 15 anos, de 15 a 20 anos, eu conheci as músicas de Luiz Gonzaga, gostava de mais das músicas de Luiz Gonzaga, e lá em casa tinha um rádio, um dos primeiros rádios que a gente comprava lá no sítio, pai comprou um rádio, e o bicho deu o prego, aí ele mandou ajeitar na Ingazeiras e um dia de semana ele mandou eu ir buscar esse rádio nas Ingazeiras. Eu gostava muito das músicas de Luiz Gonzaga, aonde eu ouvia as músicas de Luiz Gonzaga eu ficava

escutando nos forró, onde a gente ia nos forró, a gente fazia muita brincadeira né, e sempre as músicas de Luiz Gonzaga era da minha preferência, aí eu vinha das Ingazeiras com esse rádio, fui buscar o rádio na Ingazeiras e vinha com o rádio, quando cheguei no caminho liguei o rádio pra saber se ele tava bom né, exatamente caiu mesmo numa hora que tava num programa com a música de Luiz Gonzaga (sic) (Senhor Rizalvo, entrevista, 2017).

As músicas de Luiz Gonzaga podem ser usadas como uma ponte de memórias lançada ao passado, quantas histórias como essa não estão escondidas, ocultas, só esperando algo que as façam surgir? Recordo das vezes que eu acordava nas madrugadas para estudar, ouvindo meu avô cantando e rindo com as músicas de Luiz Gonzaga, ele certamente estava relembrando algum momento que viveu no tempo da sua juventude, e só precisava de uma música para recordar essas lembranças.

Em passagem pelo município de Aurora no ano de 1974, a convite do padre da Paróquia Senhor Menino Deus, o povo aurorense pôde ouvir e ver de perto as canções de Luiz Gonzaga, quando o mesmo se apresentou e fez um show na Associação Beneficente de Aurora (ABA). Na ocasião, em entrevista inédita, o próprio sanfoneiro agradeceu pelo convite e falou sobre suas principais canções, suas parcerias, e sobre sua família, destacando seu filho, Luiz Gonzaga Junior, falando sobre as ideologias musicais que ambos possuíam de diferente:

Luiz Gonzaga: Bom, eu acho o Luiz Gonzaga Junior um artista primoroso, só não discuto o trabalho dele, porque é bastante profundo, evoluído, e eu respeito muito, fico na minha e ele na dele (risadas)... uns carãozin, um produto muito bom dessa safra jovem, musicalmente falando, um cara espetacular.

Entrevistador: O senhor acha, o senhor acha que Luiz Gonzaga Júnior vai chegar a um ponto de ser um artista famoso quanto o senhor? **Luiz Gonzaga:** Isso é relativo, isso é relativo, porque eu represento um tipo e ele outro, como com programa diferente eu surgiu no meio do povo, galgando degrau em degrau, cantando nas praças públicas, e animando os espetáculos, festivais, diretamente em cima de caminhões, falantes, coreto, cantando para o povo, e ele teve o berço que eu não ofereci, e surgiu o movimento universitário, então ele é um artista que se exhibe, que faz criações para um público completamente diferente do meu, ele talvez não se submete a fazer espetáculo numa praça pública nordestina, acho que não,

a mensagem dele é bastante diferente da minha, por isso que eu acho que ele está muito bem lá na dele e eu na minha (entrevista com Luiz Gonzaga, Aurora-CE, 1974).

O legado cultural que Luiz Gonzaga deixou, através das canções do baião, é muito importante para a cultura nordestina, e o rádio se tornou o principal mecanismo de propagação dessa cultura gonzaguiana, levando de maneira rápida e a diversas localidades a cultura e o legado do baião, despertando lembranças de muitos ouvintes, como o senhor Rizalvo, ou o meu avô, entre muitos outros. Hoje em dia, esses fiéis ouvintes são representantes dessa cultura musical que é divulgada não só nas rádios de Aurora, como em muitas rádios espalhadas pelo Nordeste e pelo Brasil, por entenderem que o baião se imortalizou.

3.2 O BAIÃO: QUEM OUVI NUNCA ESQUECE

Nos programas “Forrozão 102 FM” da rádio Aurora do Povo e “Numa sala de reboco” da 91,1 FM, são programas específicos de músicas de baião. Nesse contexto, vemos a difusão do baião como forma de resistência e permanência no rádio. As músicas que ambos os programas disponibilizam para seus ouvintes são as que fizeram grande sucesso no repertório do Velho Lula: “Asa Branca”, “A Volta da Asa branca”, “Riacho do navio”, “Viva meu Padim”, “Respeita Januário”, “Lá no meu pé de Serra”, “Ave Maria Sertaneja”, “Eu vou pro Crato”, entre outras, fazem parte das músicas mais tocadas nos respectivos programas. Em análise dessas programações, a música “Asa Branca”, além de ser a principal canção interpretada por Luiz Gonzaga, é a mais pedida:

*Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação*

*Que braseiro, que fomalha
nem um pé de plantação*

*Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão.*

*Inté mesmo a Asa Branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração.*

*Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chores não, viu
Que eu voltarei, viu meu coração.*

*Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Para eu voltar pro meu sertão.*

*Quando o verde dos seus olhos
Se espalha na plantação
Eu te asseguro, não chores não, viu
Que eu voltarei, viu meu coração.*

Asa Branca, 1947

Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

A letra da música Asa branca, considerada o hino nordestino, traz um cenário típico e realista do Nordeste. A visão da seca que obriga os nordestinos a migrarem de sua terra por não conseguirem sobreviver com a falta d'água e a estiagem, tomando como exemplo os pássaros que migram devido a esse quadro climático, destacando que *“Inté mesmo a Asa Branca bateu asas do sertão”*. Na tradição sertaneja, quando essa ave bate as asas e vai embora, está anunciando a seca que está por vir.

Outro ponto forte da canção é o lamento religioso: *“eu perguntei a Deus do céu ai porque tamanha judiação”*. Faz também uma comparação do calor da seca ao fogo das fogueiras de São João, e afirma que sem água nada vive, o que obriga os nordestinos a abandonarem suas terras. A letra da música conta a história do rapaz que por causa da seca teve de abandonar sua terra e seu grande amor: *“Então eu disse adeus Rosinha, guarda contigo meu coração”*. Demonstra romantismo e esperança no fato de que tudo se renova quando chove no sertão: *“Quando o verde dos seus olhos se espalha na plantação, eu te asseguro, não chores não, viu, que eu voltarei, viu, meu coração”*.

Na análise de SOBRAL (2003, p. 61),

O baião intitulado “Asa Branca”, composto por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (1947), apresenta um ambiente castigado pelo calor excessivo, a seca no sertão e o relacionamento romântico entre o sertanejo e sua esposa Rosinha, que logo será deixada em virtude da migração para Sudeste em busca de melhores condições de vida para ambos.

Em passagem pela região do Ceará, Gonzaga deixou um legado muito importante que até os dias de hoje lhe rendem homenagens. Na cidade do Crato, localizada na região sul do Ceará, em todo mês de julho acontece a feira de Exposição Agropecuária, popularmente conhecida como ExpoCrato, na qual Gonzaga esteve presente em vários momentos dos 73 anos de história do evento. Era uma parada obrigatória para o artista, que ajudou a construir e a manter o evento que é um dos de maior sucesso na região do Cariri. O sanfoneiro ressalta nos trechos da música “Eu vou pro Crato” o carinho que tinha pela cidade:

*Eu vou pro Crato
Vou matar minha saudade
Ver minha morena
Reviver nossa amizade.*

*Eu vou pro Crato
Vou pra casa de seu Pedro
Seu Felício é velho macho
Tô com Pedro, tô sem medo.*

*Eu vou pro Crato
Vou viver no Cariri
Cratinho de açúcar
Tijolo de buriti.*

Eu vou pro Crato
José Jataí e Luiz Gonzaga

Essa exposição de animais que acontece todo ano no Crato é um símbolo da cultura local e reúne milhares de pessoas, e assim como Gonzagão relata “*que vai pra casa de parentes*”, essa realmente é uma tradição que acontece, pois muitas pessoas que vão visitar a exposição são de outras

regiões e aproveitam para visitar seus familiares e se hospedar na casa deles até o término do evento, que tem duração de uma semana.

Como de costume, todo ano Luiz Gonzaga é homenageado por ser um dos grandes idealizadores desse evento. O apelido dado na letra da música de “cratinho de açúcar” até hoje é conhecido popularmente por todos que moram na cidade e de pessoas que vão visitá-la. Em análise, Sobral (2003, p. 69) aponta:

Analisando as músicas de Gonzaga e seus companheiros repara-se que, mais do que cantar as manifestações culturais do nordeste nas mais de mil músicas compostas, vão além. Eles documentam nas letras as festas do nordeste, o ato do plantio e colheita, a família reunida em torno da mesa, as feiras, a ligação homem/natureza, o sincretismo e o apego com santos nordestinos, o migrante que deixa sua terra natal para o Sudeste do Brasil, o vaqueiro, o cangaceiro, a mulher cozinheira e guerreira, a política, entre outras formas e costumes da vida e cotidiano do povo nordestino.

As letras das músicas de Luiz Gonzaga são de detalhes riquíssimos que proporcionam momentos de reflexão. A música “Ave Maria Sertaneja”, que também está na grade musical do “Forrozão 102” e do programa “Numa sala de reboco”, por exemplo, é considerada umas das mais importantes para os nordestinos, pois é o momento ao qual se agradece pelo dia de luta e de trabalho que se passou, o momento da canção é dedicado a se rezar com muita fé, pedindo forças para que nada nos desanime nas lutas diárias. Essa música é tocada às 18h em muitas rádios do Nordeste.

*Quando batem as seis horas
de joelhos sobre o chão
o sertanejo reza
a sua oração.*

*Ave Maria
Mãe de Deus Jesus
Nos dê força e coragem
Pra carregar a nossa cruz.*

*Nesta hora bendita e sã
Devemos suplicar*

*a Virgem Imaculada
os enfermos vir curar.*

*Ave Maria
Mãe de Deus Jesus
nos dê força e coragem
pra carregar a nossa cruz*

Ave Maria Sertaneja, 1964
Luiz Gonzaga (interpretação)

Sobral (2003, p. 92) reforça que

O baião intitulado “Ave Maria Sertaneja” (1964), composto por Júlio Ricardo e Olívio de Oliveira, homenageia a Virgem Maria. É comum no nordeste, às dezoito horas, o sertanejo rezar a oração da Virgem Maria e pedir proteção para todo sertão. A música cantada por Gonzaga é, até nos dias de hoje, tocada nas rádios de todo nordeste, que reproduzem a oração diariamente no mesmo horário. Os vaqueiros do sertão nordestino adquiriram o hábito de cantá-la para protegê-los da caatinga feroz e da sua viagem pelo sertão nordestino.

Luiz Gonzaga é conhecido como um dos maiores intérpretes da cultura, crença e costumes nordestinos. O Nordeste, o seu povo e a sua cultura foram os principais temas usados nas composições de suas músicas, que fazia questão não só de cantar como de se caracterizar, usando vestimentas típicas do caboclo nordestino. Seu legado e sua história já fazem parte das tradições, e sua voz está imortalizada na memória e na vida do povo nordestino. O rádio, como um dos principais veículos de comunicação, assumiu o papel hoje em dia de não deixar calar sua voz, como o próprio Luiz Gonzaga menciona na música “A hora do adeus”: “*A minha voz você escute só eu cantando, é a mesma voz de quando o meu reinado começou*”. O rádio também assume a função de principal divulgador da cultura e da história do baião não só para o município de Aurora, mas também para Brasil inteiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se o quanto o rádio, desde o seu surgimento, se tornou muito importante na vida das pessoas: além de trazer informações, é um dos responsáveis pela divulgação da cultura regional. Em Aurora-CE, as duas rádios em funcionamento exercem esse papel de guardiões da cultura e tradição do baião.

O objetivo nesse trabalho foi destacar a importância dos programas de rádios de Aurora-CE que tem como tema as canções de Luiz Gonzaga, por entender que eles são os principais responsáveis pela propagação do baião gonzaguiano. Sabe-se que ele cantou fazendo referência a inúmeros elementos da fauna, flora, seu povo, e sua terra, se tornando conhecido no Brasil inteiro como um artista do povo nordestino, e que inúmeros estudiosos o batizam como “o intérprete da cultura nordestina”.

Hoje em dia, suas canções já não fazem o mesmo sucesso como antes, sendo lembradas muitas das vezes somente em datas comemorativas ou em festas de tradições nordestinas, como é o caso das festas de São João. Porém, sua voz e sua tradição tem uma forte presença em inúmeras rádios do nordeste inteiro, pois muitos dos comunicadores que apresentam essas canções consideram Luiz Gonzaga como um ícone ímpar da cultura musical, e por isso o relembram em seus programas, despertando grande emoção de quem os acompanha.

Tornam, assim, o baião um canal ou uma ponte de lembranças e recordações de pessoas que antigamente já ouviam as canções através do rádio, e que hoje podem relembrar importantes momentos de suas vidas.

Portanto, o rádio assume essa missão de principal divulgador das músicas de Luiz Gonzaga, como forma também de resistência e proteção de um estilo musical que desperta grandes emoções em quem o ouve. O rádio preserva a memória desse grande tocador de sanfona, que ganhou o carinho não só do seu povo nordestino, como também do Brasil inteiro, que outrora foi seduzido pelo baião e através dele aprendeu um pouco sobre a cultura do Nordeste.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANDRADE, João Maria Valença (orgs.). **História ensinada e a escrita da História**. Natal: editora da UFRN, 2009.
- CALABRE, Lia de Azevedo. **No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil.1923-1960**. Tese (doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.
- CÂMARA, Renato Phaelante da. **Luiz Gonzaga e o cantar nordestino: memórias**. Recife: editora UFRPE, 1992.
- CORDEIRO, Betânia Silva. **As canções de Luiz Gonzaga sob o olhar da análise crítica do discurso**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2008.
- CRISPIM, Jonny Rosa Silva. A percepção como forma de iniciação ao processo de influência da música nas pessoas. Simpósio de Estética e filosofia da Música. **Anais...** Porto Alegre: SEFIM/UFRGS, 2013.
- DREYFUS, Dominique. **Vida de Viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. São Paulo: Editora 34,1996.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.
- HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs.). **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- IBGE. Dados gerais. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/08052002tabulacao.shtm>>. Acesso em: 19/05/2017.
- LOPES, Ibrantina Guedes de carvalho. Forró e Ai: história e memória nas ondas do rádio. VII Encontro Nacional de História da Mídia. **Anais...** Fortaleza, 2009.
- OLIVEIRA, G. **Luiz Gonzaga: o matuto que conquistou o mundo**. Recife: Comunicarte, 1991.
- RAMALHO, Elba Braga. **Luiz Gonzaga: síntese poética e musical do sertão**. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

FONTELES, Bené (Org.). **O rei e o baião**. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 2010.

ROCHA, J. M. T. Forró eletrônico, forró universitário. In: FESTIVAL DO FOLCLORE, 40., **Anais...** Olímpia, 2004, p.62-71.

RODRIGUES, J. de M. A música de Luiz Gonzaga no território da “invenção das tradições”. **Mnemosine**, v. 5, n. 2, p. 94-103, 2009.

SANTOS, J. F. D. **Luiz Gonzaga**: a música como expressão do Nordeste. São Paulo: IBRASA, 2004.

SOBRAL, M. R. B. **Hospitalidade e Música**: O baião de Luiz Gonzaga e as representações culturais da comensalidade e da migração nordestina. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Programa de Pós-graduação em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTAS

ENTREVISTA A

NOME: Aleudo Silva Coelho

PROFISSÃO: Estudante e Comunicador da FM102,3

1ª pergunta: como foi o seu início no rádio?

R: Primeiramente, quero agradecer a Diógenes e a todos vocês que estão escutando por procurar a gente, e quero dizer que é um trabalho muito importante que está sendo desenvolvido pelo acadêmico Diógenes Oliveira e de suma importância realmente para nossa região, pra nossa cultura, pra UFCG de modo geral, mas em fim, como comecei no rádio, eu comecei no rádio em 2012, tenho um primo que participa dos movimentos da igreja, o Santino Roberto, e na época o Santino teve que se ausentar pra ser candidato a vereador aqui da cidade e apresentava um programa da igreja católica, um programa a noite, e me convidou pra participar desse programa enquanto ele estava ausente os três meses né, de ausência, não pode, tem que sair de todos os meios de comunicação, aí eu assumi o programa. Em meio a isso surgiu um programa no domingo, Conexão Jovem, onde eu apresentei com Amilka Tavares, nosso amigo aqui, e Daniel Gustavo, que também inclusive foi candidato a vereador recentemente no último pleito, e nós começamos o programa jovem, Conexão Jovem, aos domingos. Era de duas às três no domingo e era um programa voltado mais para a juventude, a gente tocava forró, mas também tocávamos: rock, funk, pagode, internacional, pop, enfim, isso foi em 2012; em 2013 eu fui convidado pela própria direção da emissora devido escutarem o programa né, o Conexão Jovem, fui convidado para compor o grupo de locutores, grupo de comunicadores, a equipe de comunicadores da rádio, então eu entrei lá dia 1º de fevereiro de 2013, já faz aí 3 anos e 5 meses né, por aí, 6 meses, e estou lá desde então. Então foi assim o meu início no rádio, sempre gostei de rádio, morei no sítio até os 17 anos de minha vida, hoje tenho 23 e sempre escutava rádio, e até hoje quando eu

posso, quando tenho um tempinho, escuto pela internet, gosto de escutar rádios net e foi assim meu início no rádio.

2ª pergunta: como é o seu trabalho e o que faz na rádio 102,3?

R: Pronto, nós apresentamos um programa diário de segunda a sábado né, exceto aos domingos, o “Forrozão 102”, onde a gente toca forro, lógico né, “Forrozão 102” a gente toca forró, então é toda tarde de 16h às 18h, e nesse programa a gente, no caso eu, criei alguns quadros pra semana, já mudei, vez em quando eu mudo pra não cair tanto na rotina, então na segunda-feira a gente tem o quadro “forronejo”, eu dou uma misturada forró com sertanejo, já que hoje a batida é muito semelhante, muito parecido; na terça-feira a gente resgata um pouco da nossa cultura, inclusive tem tudo a ver com o tema do seu trabalho, Diógenes, que é o “Sou nordestino”, a gente fala um pouco das comidas nordestinas e usamos as expressões que nós, nordestinos, usamos o dicionário cearencês, a gente resgata isso aí; na quarta-feira é o dia dos lançamentos do forró, lançamentos e as notícias do forró, a gente traz as músicas novas, as bandas novas, e traz também as notícias relacionadas ao meio forrozeiro; na quinta-feira, esse quadro foi criado recentemente, eu trago o quadro “Amigos do Forrozão”, onde a gente divulga os artista da terra, as bandas de forró da terra; e na sexta-feira o “Forrozão das antigas”, que também tem tudo a ver, onde a gente toca muito as músicas de Luiz Gonzaga e as outras bandas do forró das antigas, que teve início da década de 90 pra cá, então nosso programa é isso, é isso que a gente faz na Rádio Educativa de Aurora, “Forrozão 102”.

3ª pergunta: como foi elaborada a seleção das músicas de Luiz Gonzaga no seu programa?

R: as músicas elas não são muitas vezes pré-selecionadas, os ouvintes é que pede na hora mesmo entendeu, às vezes na sexta-feira, quando a gente abre o programa, eu coloco duas ou três música de início, aí sim essas de Luiz Gonzaga. Eu escolho de início ou pode ser de outra banda, enfim, aí a gente escolhe essas músicas e coloca no início, meu critério de escolha e qual é esse

critério? As músicas mais conhecidas de Luiz Gonzaga, mas no decorrer do programa, dos dias, os ouvintes vão pedindo e a gente vai tocando as músicas que eles pedem, então o critério basicamente que eu escolho é as músicas mais tocadas e é só no início do programa que é onde a gente faz a abertura, depois os ouvintes é que vão pedindo e vão desenrolando e a gente vai atendendo.

4ª pergunta: como é esse contato com o ouvinte?

R: é um contato direto, é um contato direto, tanto pelo whatsapp, tanto pelo TIM, tanto pelo Claro, tanto pelo fixo, facebook também, meu whatsapp todos os meus ouvintes têm, meu facebook, instagram, pessoalmente os ouvintes vão à rádio, eles participam, a gente faz uma transmissão, faz uma zoadinha, manda um alô, grava um áudio, é um contato bem direto assim e sem frescura, assim, bem direto mesmo, bem corpo a corpo, o nosso contato é assim.

5ª pergunta: qual a importância dessas músicas de Luiz Gonzaga no seu programa e pra você também?

R: Luiz Gonzaga é o mestre né, como a gente fala né, recentemente tive o prazer de entrevistar a maior compositora de forró do Brasil, a Rita de Cassia né, tem clássico aí como: “Saga de um vaqueiro”, “Meu vaqueiro meu peão”, “Brilho de lua” e foi uma honra, e fiz essa mesma pergunta pra ela, e ela disse dessa forma: “Luiz Gonzaga é um mestre”, é a inspiração dela assim como é pra todos nós, eu acho que assim, mesmo com essa juventude hoje com esses costumes, com essas músicas, com essa cultura diferente, eu acredito que Luiz Gonzaga ainda continua sendo o mestre de todos nós, o mestre de quem ama o forró, o mestre de quem valoriza o forró, de quem busca entender um pouquinho a nossa cultura, a nossa música, o nosso forró mesmo. Então acho que Luiz Gonzaga é um mestre, é um mestre, e ele foi, sem sombra de dúvidas, incontestavelmente o maior divulgador da nossa cultura contemporânea, maior divulgador... acho que o nosso forró, o baião, o Nordeste deve muito a Luiz Gonzaga, deve muito a Rita de Cassia, e essa

galera que divulgaram, que fizeram nossa cultura, nossos costumes, e nossa música se espalhar pelo Brasil. Então Luiz Gonzaga é de suma importância pra mim, pra o nosso programa, para nossa emissora, e eu acredito que para todas as emissoras de rádio do Ceará e do Nordeste.

6ª pergunta: sei que é difícil escolher uma música predileta dentre muitas que ele gravou, mas você tem em gosto alguma predileta que de vez em quando escuta?

R: Tenho, “Xote ecológico”. Porque ela é uma música que se contextualiza mesmo depois de décadas, muitos anos, ela se contextualiza, a questão do respeito à natureza né, não desmatar a mata ciliar, é uma coisa que é constante, que é presente na nossa vida. Muitas vezes o ser humano esquece, o ser humano muitas vezes deixa de ser humano né, passa a ser apenas um ser, mas faz parte, então eu acho que essa música ela, eu acho não, ela é a minha preferida, “Xote ecológico”, porque ela diz muito mesmo depois de tanto tempo e é uma música presente, é uma música que a gente pode estudar ela, pode ouvir, e sempre vamos trazer pra nossa realidade, é uma música que tem o poder de transcender o tempo, ela transcende o tempo e permanece até hoje.

ENTREVISTA B

NOME: Pedro Guedes Rolin

PROFISSÃO: Comerciante e Comunicador da rádio 91,1 FM

1ª pergunta: como foi o início da rádio difusão em Aurora?

R: Muito bem, Diógenes, nós tivemos realmente uma situação de espera para termos um veículo de comunicação em Aurora, isso começou com as rádios comunitárias né, as rádios que até então era ditas como piratas, elas funcionavam através de uma liminar que era dada por um Juiz aqui em Aurora, nós tivemos essa, digamos, “facilidade” porque esse Juiz ele concedia exatamente essa autorização através dessa liminar para que as rádios funcionassem e surgiu, evidentemente, essas rádios e o juiz em saudosa memória que nos concedia, não era a mim que concedia, enfim, era justamente através dessa associação ele concedia. O pessoal formava a associação e enfim ela funcionava, rezava nos Ministérios das Comunicações que essas rádios deveriam funcionar através de uma liminar e quem cedia era o saudoso Dr. José Valdizio, quem cedia essas liminares, era o único que evidentemente conseguia essas liminares. Enfim, assim foram surgindo algumas emissoras, surgiu uma rádio denominada de 97,1 uma rádio comunitária, depois foi surgindo mais outra, a Beija Flor FM, que funcionou ali no bairro Araçá, e como se não bastasse, veio uma outra a rádio, Vale do Sol, no centro da cidade, que funcionou também. Eram três, aí foram fechando em função de situações adversas porque a gente não tinha um plano, digamos, mais caracterizado para que essas rádios pudesse funcionar. A contento tinha que renovar membros de associação de diretoria, tinha que criar livro de ata, enfim, e a gente naquele momento não tinha exatamente as condições necessárias porque precisava realmente de pessoas imbuídas de interesse para que as rádios funcionasse, mas não foi isso, tão somente a situação, a questão é que o órgão responsável né, no caso a ANATEL, ela conseguiu depois ir cancelando essas rádios né, depois viram que essas rádios não poderia mais funcionar porque rezava dentro da lei da rádio comunitária que ela não poderia ir além fronteiras, tinha

que ser um rádio local, e elas começaram a ter um raio de atuação além fronteiras, ou seja, fora de nossa cidade e isso chamou a atenção da ANATEL. Uma outra questão também que as rádios não poderia funcionar como rádios comerciais, e alguma até se atreveram a funcionar como rádio comercial, então foi se observando isso e por conta de algumas desobediências as rádios elas acabaram sendo fechadas, lacradas, mas com o passar do tempo aí foi surgindo exatamente duas emissoras oficiais autorizadas, outorgadas pelo Ministério das Comunicações, onde nós temos duas, que foi a primeira a 102,3 e, conseqüentemente, a outra que é essa aqui que a gente presta serviço, a Sol Nascente FM 91,1 que é a primeira rádio oficial de Aurora dita, dita não, verdadeiramente comercial, portanto temos duas rádios que são oficializadas, não são mais rádios comunitárias, nem piratas, enfim, são rádios autorizadas ou seja outorgadas diretamente pelo Ministério das Comunicações para funcionar sem nenhum problema. Então a gente louva a iniciativa dessas pessoas e conseqüentemente acabaram aqueles problemas de fecha e abre rádio comunitária e tal, não vai mais funcionar aqui, elas já pagam seus encargos e funciona normalmente.

2ª pergunta: como foi o seu início nas rádios de Aurora e como é trabalhar numa emissora grande?

R: é um prazer grande, é um prazer grande, como eu disse, foi a primeira rádio inaugurada em Aurora, comercial, uma rádio particular, uma rádio da iniciativa privada, e é uma empresa, a 91,1 é uma empresa e hoje o Adailton Macêdo é um verdadeiro radiodifusor por conta de ter trazido essa rádio para Aurora, uma rádio que dá as condições necessárias. Hoje é uma rádio não tão destinada a Aurora, é uma rádio que pega além fronteiras, uma rádio muito bem equipada e pra mim é um prazer enorme né, em se tratando de observação da sua inauguração eu estive aqui na inauguração dessa rádio há cinco anos, fui um dos primeiros a colocar minha voz no microfone e, conseqüentemente, houve o chamamento e estou aqui até hoje com muito prazer. Sempre gostei de rádio, o rádio pra mim foi uma coisa muito importante pra mim, foi uma desde o início... eu fui seminarista em Cajazeiras no

Seminário Nossa Senhora Assunção né, seminário lendário, Seminário Nossa Senhora Da Assunção do Cristo Rei, famoso Cristo Rei em Cajazeiras, isso no ano de 1988 né, então faz muito tempo, e eu comecei a participar de grupo estudantil no próprio seminário e a gente tinha que movimentar a turma e eu comecei a usar microfone nessa época, enfim, e depois a gente apresentava algumas peças e nessa época, em 1988, o seminário não era o seminário, mas a diocese tinha uma parceria com a Rádio Alto Piranhas AM, inclusive ,foi uma rádio da diocese, essa rádio era da diocese, depois foi vendida ao Grupo Arcanjo, cujo dirigente ainda hoje é o seu Antônio, seu Zé Antônio, filho de Seu Arcanjo... então o grupo comprou a emissora à diocese, mas nessa época, em 1988, já tinha sido vendida a emissora, mas o que foi que aconteceu? O Grupo Arcanjo cedeu gentilmente um espaço à diocese para que pessoas apresentasse programas religiosos, isso começou com o padre Balberto, com Monsenhor Sitônio com o próprio Dom Zacarias que era o bispo da época, e a gente ajudava enquanto seminarista, fazia programas aos domingos antes da missa das 7h na Igreja Nossa Senhora de Fátima em Cajazeiras, ainda hoje transmite a missa pela manhã, a noite quem transmite é a difusora. Enfim, as rádio de Cajazeiras tiveram muito próximos, ainda hoje, da religiosidade cajazeirense, e na época, enquanto seminarista, eu fui convidado já em função do desdobramento que a gente tinha no grêmio estudantil, participando de peças, criando peças dentro do próprio seminário, e a gente se apresentava àquele público que era justamente um público religioso, ou seja, os próprios seminaristas, os reitores, os professores do seminário, as próprias irmãs na época, as freiras, enfim, a gente se juntava, fazia uma bela festa de apresentação, a gente criava peças e aquilo foi chamando atenção na área da comunicação, começando escrever algumas peças, algumas coisinhas simples e depois o pessoal viu que a gente tinha uma queda pra comunicação, então aí eu fui um dos chamados pra fazer programas justamente na Rádio Alto Piranhas AM de Cajazeiras, aos domingos, e aquilo foi me atraindo, me chamando atenção. E foi através daí que eu consegui descobrir que poderia assumir um programa de rádio e, conseqüentemente, ser um profissional do rádio, isso no ano de 1988 quando eu entrei, mas na verdade minha estreia só

aconteceu no ano de... é... já no final no ano de 1991 pra 1992, já quando eu estava prestes a sair do seminário, e do ano de 1992 em seguida foi a época em que eu deixei o seminário, deixei o seminário no finalzinho de 92, cheguei, fiquei algum tempo, eu tinha iniciado Filosofia e não terminei, enfim tinha que ir pra Maceió. Na verdade eu não prossegui no curso de Filosofia porque eu via que era uma certa injustiça da minha parte continuar fazendo o curso de Filosofia, depois vinha Teologia, eu me formaria padre sem vocação e aquilo começou a chamar a minha atenção, a consciência falou mais alto “vou ter que parar”, porque não poderia realmente sem vocação, e eu tive coragem de dizer ao bispo da época, Dom Zacarias, “eu não tenho condições, porque realmente eu não me sinto mais com condições de ficar no seminário”. Ele lamentou muito, enfim, mas eu tinha (telefone tocando ao fundo) que ser sincero com o bispo né, e enfim, quando eu saí do seminário no finalzinho de 92, eu cheguei nessa época, morava em Cachoeira dos Índios na Paraíba e minha família já estava aqui morando na zona rural do Barro, aqui Queimadas, aqui justamente na entrada da nossa Aurora, na BR 116, e a partir daí, sempre com aquela intenção, aquela vontade de já por ter tido trabalhado né, na Rádio Alto Piranhas de Cajazeiras, e eu passei pouco tempo, enfim, sem ser chamado pra trabalhar na área da comunicação... tinha surgido no Barro a Rádio Boa Esperança, que tinha sido inaugurada em 1986, então no finalzinho de 94, justamente no ano de 1994 eu fui chamado pra trabalhar na Rádio AM, fazia um programa de forró na rádio AM, hoje a Rádio Boa Esperança do Barro, e aí fiquei até o ano de 97, trabalhando de 94 a 97... em 97 eu vim pra Aurora, me casei, aí foi quando surgiu as rádios comunitárias que a gente começou a trabalhar.

3ª pergunta: Na rádio de Aurora, 91,1 FM, você comanda o programa “Numa sala de reboco”, que é apresentado todo sábado das 16 às 18h, sabemos que no repertório musical tem uma vasta quantidade de música que representa tanto o Nordeste, como a cultura, seu povo, diante disso, como foi o critério de seleção de música de Luiz Gonzaga em seu programa?

R: O critério que a gente observou né, em consonância com a direção da emissora, porque um ídolo, ou seja, uma personalidade como Luiz Gonzaga fica muito fácil você fazer uma seleção porque as músicas de Luiz Gonzaga, a maioria são músicas que atraindo a nossa atenção, ele canta o sertão, a religiosidade, a cultura, enfim, a família, o ar seco, o inverno, a saga de Lampião, a própria saga dele também ele conta, enfim, naquela música antológica que é “Respeita Januário”, enfim, o próprio Padre Cícero, tudo são personagens que Luiz Gonzaga realmente (toque de telefone ao fundo) colocou na sua música através de seus compositores, enfim, mas é muito fácil, não houve dificuldade não, a seleção principal que a gente tem é aquela seleção das músicas que foram mais tocadas, exatamente nas emissoras de rádio. E o Luiz Gonzaga não morre, tá vivo né, é uma lenda viva na nossa cultura e não foi fácil fazer a seleção, nós temos bagagem aqui do Luiz Gonzaga, sinceramente, até o final do mundo, a gente pode tocar a seleção dele aqui que não acaba, realmente é muito vasta a seleção de Luiz Gonzaga.

4ª pergunta: Como é a participação e o seu contato com os ouvintes e eles com o seu programa?

R: é um contato muito bom, muito gostoso. Diariamente a gente tá com esse contato, a gente tem uma situação, digamos, uma situação paradoxal na emissora, a gente apresenta um programa pela manhã intitulado “Raízes do sertão”, que ele tem uma roupagem totalmente diferente, eu tenho que amanhecer muito alegre, enfim, eu me joga no programa pra poder alegrar o sertanejo, então ele tem uma característica muito rural de manhã de 5 às 7 da manhã, mas o que acontece, já faço jornalismo, quer dizer, ao meio-dia já tem que é como se fosse, porque na verdade o comunicador quem faz rádio, antes de tudo, é um ator, você tem que criar uma situação quase como se fosse um personagem dentro do rádio né, mas não pode ser o fingido, você tem que fazer o que gosta, eu não posso assumir uma área, fazer um programa de forró se eu não gosto de forró, entendeu? Então eu não posso fazer rádio pra mim, mas eu não posso é, digamos, se eu gosto de música internacional não vou tocar somente, não é assim, eu tenho que tocar o que o povo gosta mas eu

também tenho que gostar do que eu faço, eu tenho que me adaptar àquela situação, enfim, então são coisas várias que eu faço na emissora né, faço Gonzagão com muito gosto, é um dos programas que faço com muito gosto na emissora até porque sou fã do Gonzagão. É como eu disse: tem que gostar. Então são coisas várias que eu faço na emissora que me dá muito prazer. Em função de eu fazer um programa pela manhã, de 5 às 7 da manhã, onde a maioria das pessoas estão acordando ainda, enfim, essas pessoas geralmente não estão usando ainda as redes sociais, procuram um radinho a pilha ou lá na energia, enfim, pra ouvir o programa, a maioria interage justamente no telefone, no meu próprio celular, os telefone da emissora, enfim, mas pela manhã o “Raiz do sertão” não tem essa participação, assim, digamos, mais uma participação mais acentuada através das redes sociais, tem o Face da rádio, tem o meu próprio Face e as vez até me esqueço, entendeu, de estar até online, eu me sinto mais próximo, não que eu esteja desprezando a questão da importância da rede social, não é isso, a questão é que é um programa diretamente ligado à questão rural e essas pessoas estão pela manhã, não estão usando ainda em função do horário, não estão usando de forma acentuada as redes sociais, mas eles usam mais o telefone para me ligar, passam mensagens também pelo whatsapp, enfim, mas a maioria que pede música, um alô, enfim, um comunicado, é mais pelo telefone.

5ª pergunta: seu programa é muito importante pra cultura nordestina, porque é aquele momento que ele divulga as músicas do baião de Luiz Gonzaga, gostaria de saber como foi que surgiu a ideia desse programa e qual a importância dessas músicas pra você?

R: Muito grande, eu acho que eu me sentiria um peixe fora d'água se não tivesse fazendo radio né, é uma questão de vocação, como eu disse no início, você tem que gostar e eu me sinto realmente muito agradecido por ter essa oportunidade de tá comunicando com o povo via rádio. Eu até há pouco tempo era comerciante, lojista, enfim, também sou propagandista, mas no rádio é que eu me sinto realizado, me sinto muito feliz, muito contente, e essa aproximação do povo com o trabalho que eu faço me dá muita satisfação, é

tanto que muito tempo de rádio (toque de celular ao fundo), mas a cada dia eu me renovo dentro do próprio rádio em função do povo que a gente, como eu disse, também a gente não faz rádio pra si, o ouvinte é a principal razão de estar aqui a gente é feliz quando o ouvinte participa, quando o ouvinte liga, diz que tá ouvindo, pede um alô, é uma satisfação imensa pra mim, me sinto muito feliz desse contato com o povo diretamente com rádio.

6ª pergunta: e a ideia do seu programa partiu de você mesmo?

R: Exatamente! Foi, foi, partiu de mim, “Sala de reboco” né, a questão do Gonzagão, sala de reboco, e partiu de mim mesmo, até o título né, “Sala de reboco” e foi um título muito bem-vindo, foi prontamente aceito pela direção da emissora e caiu como uma luva né, sala de reboco tem tudo a ver com nosso Luiz Gonzaga, é até tema de uma música dele muito tocada, enfim, sala de reboco é coisa que a gente sente, que é do sertão mesmo, então eu escolhi e a direção aprovou e estou aqui fazendo desde o início da emissora o Gonzagão.

7ª pergunta: o que Gonzaga representa pra você?

R: Muito, muito, muito. Luiz Gonzaga é pra mim, acredito que pra maioria dos nordestinos, sinceramente, uma lenda viva como eu disse, é uma majestade do forró, e eu fico muito triste às vezes quando as pessoas maltratam a memória de Luiz Gonzaga, fico triste demais, fico muito triste porque se você observar, meu caro Diógenes, hoje a maioria dos nossos compositores, não quero aqui fazer uma crítica, até porque todo mundo tem seu espaço, mas só uma observação... é muito triste quando um compositor, uma pessoa que tem uma certa cultura coloca no papel uma letra que ofende nosso ouvidos, nossa família, ofende nosso ouvido, sinceramente você não consegue ouvir certas músicas perto de uma pessoa de sua família, você até se sente envergonhado com certas músicas (toque de telefone ao fundo), enfim, isso maltrata muito a cultura gonzaguiana viu. Claro que todo mundo tem seu gosto, mas evidente que a gente só consegue descobrir certas coisas quando procura conhecer, creio que você com esse seu trabalho você já buscou muito sobre Luiz Gonzaga e você até se maravilhou com a trajetória

dele, com a história dele, você também, eu sinto que você é um dos fãs de Gonzagão, é tanto que você está aqui me sondando e fazendo essa entrevista e concluindo seu trabalho de história, isso é muito bom, fico muito feliz por essa iniciativa de me procurar, você bateu na porta certa porque realmente eu sou um fã de Gonzagão e conseqüentemente eu louvo o trabalho dele, eu acho que sem Gonzagão, sinceramente, a cultura nordestina não seria exatamente tão valorizada ou tão importante pra nós.

ENTREVISTA C

NOME: José Risalvo dos Santos

PROFISSÃO: Aposentado

1ª pergunta: como foram seus primeiros contatos com as músicas de Luiz Gonzaga?

R: Quando tinha a idade de 15 anos, de 15 a 20 anos, eu conheci as músicas de Luiz Gonzaga, gostava demais das músicas de Luiz Gonzaga, e lá em casa tinha um rádio, um dos primeiros rádios que a gente comprava lá no sítio, pai comprou um rádio, e o bicho deu o prego, aí ele mandou ajeitar na Ingazeira e um dia de semana ele me mandou ir buscar esse rádio na Ingazeira. Eu gostava muito das músicas de Luiz Gonzaga, aonde eu ouvia as músicas de Luiz Gonzaga eu ficava escutando nos forró, aonde a gente ia aos forrós, a gente fazia muita brincadeira né, e sempre as músicas de Luiz Gonzaga era da minha preferência... Aí eu vinha da Ingazeira com esse rádio, fui buscar o rádio na Ingazeira e vinha com o rádio, quando cheguei no caminho liguei o rádio pra saber se ele tava bom né, exatamente caiu mesmo numa hora que tava num programa com a música de Luiz Gonzaga, até aquela música que não sei o nome dela mas sempre é “boiadeiro” né, a pessoa chama de boiadeiro que é uma que fala *“vem boiadeiro que a noite já vem, leva o teu gado vem pra junto do teu bem, de tardezinha quando eu chego lá em casa, a minha amada vem comigo me abraçar, é pouquinha e miudinha é quase nada, mas não tem outra mais bonita no lugar”*. (Risadas) Aí encostei o cavalo na beira da estrada num pé de pau que tinha e fui escutar essa música todinha, porque eu gostava tanto que eu escutei ela todinha, só sai quando terminou (risadas). E de Luiz Gonzaga tem muita música boa, eu gostava muito das músicas dele, porque toda música de Luiz Gonzaga, ela é uma história né, é uma história, é feita pela natureza, é obra da natureza, ele sempre botava a natureza na frente né, e eu gosto demais até hoje, eu estou com 80 anos e escutei essa música e ainda hoje tenho essa lembrança. **P. o senhor sabe que ele esteve aqui em Aurora, Luiz Gonzaga, em 74, a convite do padre**

Francisco? R: e até no tempo de padre Francisco eles levaram ele aí pra beneficente, mas eu não fui. **P. O senhor já morava aqui em Aurora?** R: Já morava aqui, não sei se morava aqui ou na rua São Vicente, sei que eu ouvi falar que ele tinha passado aqui, mas só foi uma partezinha da noite e foi embora logo e eu não vi ele não, mas eu gosto demais das músicas dele.

2ª pergunta: Senhor Rizalvo, e hoje em dia o senhor ainda ouve rádio?

R: Gosto demais, todo dia aquele programa de Pedro Guedes “Numa sala de reboco” né, de Luiz Gonzaga, eu assisto, se eu tiver em casa eu assisto todas as músicas dele. **P: o senhor acha importante essas rádios terem esses programas de Luiz Gonzaga?** R: Acho, acho demais, eu acho que ninguém pode perder porque é música velha, antiga, mas ninguém pode perder a imagem de quem fez aquelas músicas, e tem, vai viver por toda a vida né, tem que continuar, muita música boa, tem sentido, todas as músicas dele tem um sentido né, fala de alguma coisa, na roça aquela música do jumento que comeu o milho dele na roça (risadas), tem o jumento nosso irmão, tem Frei Damião também, tem uma música de Frei Damião que é muito boa, Frei Damião... Ai, eu gosto muito das músicas dele, as pessoas de idade né, pra assistir essas músicas é boa demais, as músicas de hoje não tem sentido de nada né, é só umas doidice, é uma história, cada uma música dele é uma história ele fazia uma história da roça, do campo, da cidade, do rio, de tudo no mundo ele inventava uma música né, travessava um rio, nadando, e ele fazia aquela música na simplicidade dele, fazia aquilo ali, conversava tocando e não perdia ponto né, não perdia nada não, levava tudo direitinho. **P: então o senhor acha importante que esses programas continuem por muito tempo?** R: Ave Maria, acho demais! Ele tem que permanecer muitos anos pra frente, que até agora não apareceu um que substitui ele né, aí pelo menos a gente tem aquela recordação, daquele grande homem que passou, que cantou e inventou essas músicas né. Toda eu gosto, mas não tenho assim diretamente a mais preferida não né, se, por exemplo, eu for assistir um debate ou se pedir música dele eu prefiro essa que eu cantei “boiadeiro” né, porque fala da natureza, na roça, no gado, que eu via antigamente e ainda hoje eu me lembro

né, que tudo dele com essas músicas eram 10 né, 10 vacas, 10 bezerro, 10 filho (risadas), aí eu acho interessante.

APÊNDICE B:

Universidade Federal de Campina Grande

Centro de Formação de Professores - CFP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO: O RÁDIO COMO FONTE DE CULTURA MUSICAL, E A IMPORTÂNCIA DA MUSICALIDADE DE LUIZ GONZAGA NO MUNICÍPIO DE AURORA.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, (inserir o nome, profissão, residente e domiciliado na, portador da Cédula de identidade, RG, e inscrito no CPF/MF..... Nascido (a) em ____ / ____ /_____, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) do estudo “**O RÁDIO COMO FONTE DE CULTURA MUSICAL, E A IMPORTÂNCIA DA MUSICALIDADE DE LUIZ GONZAGA NO MUNICÍPIO DE AURORA**”. Declaro que

obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O estudo se faz necessário para analisar e historicizar o rádio como fonte de cultura musical no município de Aurora-Ce, problematizando as emissoras Fm 91,1 e 102 FM, verificando como elas são de fundamental importância pra divulgação da cultura do Baião cantado por Luiz Gonzaga; e por meio desta apreender a influência que essas emissoras com seus respectivos programas exerce sobre seus ouvintes, verificando até que ponto elas contribuiu para a cultura histórica local. Estabelecendo assim um diálogo com os comunicadores das rádios por meio de entrevistas e de análise de suas falas, para um melhor entendimento de como o rádio se tornou um símbolo de cultura e preservação do legado do Baião.
- II) A participação neste projeto não me acarretará qualquer ônus pecuniário;
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- IV) Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas. desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- V) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa.

Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VI) Observações Complementares.

VII) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital

Universitário Alcides Carneiro, ao Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

Aurora, 03 de Agosto de 2017

Participante (entrevistado)

.....

Responsável

pele

Projeto:

MANOEL GONCALVES DE OLIVEIRA

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. . ANA RITA UHLE

Telefone para contato: (88) 998060612

ANEXOS

ANEXO A

ENTREVISTA DE LUIZ GONZAGA EM AURORA-CE, 30 DE DEZEMBRO DE
1974

Entrevistador (E): Em entrevista de Luiz Gonzaga em sua passagem por Aurora, eu cumprimento ao público, que você representa o sindicato rural aqui de Aurora. **Luiz Gonzaga (LG):** Muito bem, como é que vai o movimento? **E:** vai bem, embora a gente não tenha assim o sindicato em condições de ter assim, de ser uma entidade lá essas coisas, mas de qualquer maneira estamos bem, muito na frente, e vamos ver se a gente consegue conseguir mais alguma coisa, que é o nosso dever, e o senhor entende um pouco de sindicato? **LG:** Como? Não, não sou sindicalista não. **E:** o senhor hoje eu queria ver o senhor cantando Asa Branca, dá pra cantar (risos)? **LG:** claro que dá. **E:** o senhor ouviu dizer que o senhor é majestade, é rei do baião, é aniversário no dia 13 de dezembro, é verdade isso? **LG:** É verdade, é verdade né. **E:** então meus parabéns atrasado, o senhor não têm nada pra dizer para o público aurorense? **LG:** Bom, a gente tem assim sempre alguma coisa a dizer em termos de músicas, isso eu farei daqui a pouco, que eu vou cantar aqui né, e a gente vai recebendo assim os fluidos e as coisas vão saindo melhor né, que é entrevista, é tema, tem que existir assim, o que é que você vai dizer, o que é que se vai perguntar, o que é que se vai falar, e de momento assim a gente às vezes só posso dizer o simples, “alô, tudo bacana, tudo muito bem, estou aqui em Aurora, padre Francisco vou cantar daqui a pouco”. O padre não teve tempo de formalizar o show aqui no clube, que o horário não é próprio, agora tem as festas aí dos partidos, 18h e o povo não sabe, todo mundo tá jantando e tal, o show aqui foi meio, o padre Francisco parece que não trabalhou bem aqui não, vamos ver o que vai acontecer né. **E:** Legal, Seu Luiz, quero que o senhor fale a respeito de Luiz Gonzaga Junior artisticamente. **LG:** Bom, eu acho o Luiz Gonzaga Junior um artista primoroso, só não discuto o trabalho dele, porque é bastante profundo, evoluído, e eu respeito muito, fico na minha e ele na dele (risadas)... uns carãozin, um produto muito bom dessa safra jovem,

musicalmente falando, um cara espetacular. **E:** o senhor acha, o senhor acha que Luiz Gonzaga Junior vai chegar a um ponto de ser um artista famoso quanto o senhor? **LG:** Isso é relativo, isso é relativo, porque eu represento um tipo e ele outro, como com programa diferente eu surgi no meio do povo, galgando degrau em degrau, cantando nas praças públicas e animando os espetáculos, festivais, diretamente em cima de caminhões, falantes, coreto, cantando para o povo, e ele teve o berço que eu não ofereci, e surgiu o movimento universitário, então ele é um artista que se exhibe que faz criações para um público completamente diferente do meu, ele talvez não se submeta a fazer espetáculo numa praça pública nordestina, acho que não... a mensagem dele é bastante diferente da minha, por isso que eu acho que ele está muito bem lá na dele e eu na minha. **E:** Seu Luiz, escute aqui, outro dia você esticando o programa aquele “Só o amor constrói” e o Zé Gonzaga, um cara que eu gosto muito das músicas dele, era fã, eu gosto de todo tipo de música, principalmente sertaneja que é a minha música, e ele falou que e ia deixar de gravar, por qual motivo? **LG:** Bem, ele que deve saber o motivo, é, eu não sei, o Zé acomodou-se ali no Rio e não se comunica com o Nordeste e de repente aparece com essa história que vai parar de gravar, por que que ele não luta, por que que ele não tenta, por que que ele não vem às fontes, não vem às raízes, né? Fica por ali e quer ter sucesso, um artista precisa lutar, acho que ele é um pouco acomodado. **E:** Depois queria pegar o endereço do senhor para eu lhe presentear com uma escultura de madeira, por enquanto eu pegava seu endereço e lhe presenteava. **LG:** Ah, isso é muito bom, você pode mandar aqui por intermédio do padre Francisco, que ele agora, nós acertamos os ponteiros, e sabe onde eu moro. **E:** e um presente pro Luiz Gonzaga Junior, que sou fã do seu filho. **LG:** tá, esse eu entrego pessoalmente, só quero agradecer ao senhor. **E:** e se tem alguma coisa a acrescentar pode acrescentar, e no show estamos aí pra gravar. **LG:** Não, ainda vou ficar por aqui um pouco, vou participar ainda das barracas e ainda vou regressar a minha casa hoje, daqui lá em casa são 3:30 e para poder... **E:** então o senhor não tá no Rio? **LG:** Não, estou em Exu pra poder aproveitar a feira do Crato amanhã, então tem que ir pra casa e voltar ao Crato amanhã, porque o Crato é

nossa taba de salvação, né? O nosso banco, o nosso comércio onde fazemos nossas compras, o Exu é uma distância de 70 km de Crato a Exu, Exu-Pernambuco, Crato-Ceará, mas não temos quase que... **E:** Seu Luiz, queria que nos falasse um pouquinho também a respeito de Humberto Teixeira, ele é médico, né? **LG:** Não, ele é Bacharel. Semana passada fizemos um programa no canal 4, O Fantástico, e eu cantei umas músicas dele, mas ele quase não produz mais, ele dirige o movimento de direitos autorais no país. **E:** queria perguntar em que ano o senhor gravou Asa Branca que eu não estou mais lembrado? **LG:** 48. **E:** De lá pra cá vem fazendo sucesso ou o senhor não renovou? **LG:** Não, eu fiz mais alguns sucessos de lá pra cá. **E:** o senhor já gravou assim, na base, quantos LPS? **LG:** uns 45 mais ou menos. **E:** tudo nesse baião, como se chama? **LG:** Sem fugir da minha. **E:** pois é, Seu Luiz, qualquer coisa estamos aí, muito obrigado! Quando quiser começar, obrigado. Meus amigos essa foi a entrevista com Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, hoje, domingo, 30 de Dezembro de 1974, feita na Associação Beneficente Aurorense por José Antônio e Franze.

LG: Lá pelo Sul, pelo Centro Sul, eu já vi muita gente, inclusive a minha família, os meus irmãos que foram ao Sul em busca do irmão, Luiz Gonzaga, e todos foram acomodados, agora estão se sentindo meio traídos porque eu regressei à terra-mãe. Faço isso porque eu levei a minha vida toda decantando o sertão, o meu pé de serra, a minha gente, então que quero ser leal, quero ser fiel às minhas cantigas, então que história é essa? Eu levei a vida inteira cantando o sertão, então ganhei dinheiro com essas cantigas e fico nas terras estranhas, não eu devo voltar a minha terra por quê? Ela precisa de mim, e muitos já regressaram, muitos já regressaram, muitos foram embora, poucos regressaram, mas eu tenho certeza que com o meu empreendimento muitos outros regressaram, porque eu estou valorizando a terra, estou procurando aplicar na minha terra aquilo que ganhei lá fora, só não vou fazer isso tudo, com tudo que ganhei, porque tenho minha família no Rio de Janeiro, meus filhos, e eu não vou, absolutamente, dificultar a vida pra eles porque eu tenho que deixar no Rio aquilo que está lá pra eles, e aqui estou recomeçando com o pouco que ainda estou ganhando com a minha sanfona, que é pra não deixar

meus filhos tristes, porque eles não entende a minha luta, a minha mulher entende um pouco, mas não entende muito não, ela chega até pensar que eu faço isso em busca de uma fuga, mas não é, porque eu telefono pra ela 2 a 3 vezes por semana. Ontem mesmo dei um telefonema e dei 200 conto pra ela (risadas), tudo pra agradá-la, agradar meus filhos, e o que estou fazendo aqui isso também é pra eles, agora minha terra está muito batida, muito abandonada, muito sofrida, a juventude de lá não tem nem sequer um objetivo, e eu depois que criei esse conjunto padre já dei cerca de 6 baile, ontem mesmo teve baile, baile professora, baile dos concluintes de 74, o baile de ontem foi pros concluintes de 75, já esse conjunto toca por qualquer dinheiro, ele tem ordem de não enjeitar oferta de Exu. É um conjuntinho jovem, muito bom, os meninos tocam bem, tocam namorando, as meninas gostam deles e vai muito bem. Mas a minha terra realmente é muito batida, muito sofrida, vejam vocês: eu levei um rapaz, eu vou lhes contar essa passagem porque não estou mostrando a pessoa quem é, mas eu levei um rapaz do meu conjunto pra passear no Rio comigo, eu não gosto de viajar só, e ele foi ao Rio comigo... então ele tava com o cabelo muito mal arrumado, olha que era um dos rapazes de melhor representação de Exu! Mandei buscar um cabeleireiro pra ajeitar o cabelo dele, do jeito que sou sanfoneiro, sou matuto, mas eu gosto da juventude do como ela é, pois bem, o cabeleireiro ficou assustado com o rapaz, disse “Seu Luiz, eu tenho que ficar a tarde hoje aqui com esse rapaz, e o que foi que houve? O problema dele não é só o cabelo não, ele tá cheio de piolho”. E eu fiquei com pena, fiquei com pena porque esse rapaz é um valor, então foi um comentário danado lá em casa naquele dia, e eu aconselho a esses jovens que ficam deixando os cabelos crescerem, esquecendo de tratar do cabelo, não façam isso, deixe o cabelo crescer, mas de água e sabão nele todo dia, pra não criar piolho. Esse aqui tá cheirando, esse aqui tá cheirando, é xampu mesmo, mas bem, tá aqui uma sugestão, e eu considero isso uma grande pobreza, e eu continuo cantando pra vocês, e cantando e conversando agora sobre minha terra. Ontem mesmo eu escutei o barulho do cantarino, é um vento que açoita no tronco da serra, onde nasce um riachinho por nome cantarino, dali nasce um eco muito forte e a gente escuta cada cidade o

barulho do cantarino: é sinal de chuva! Vou cantar pra vocês o cantarino que eu fiz em homenagem à nossa terra o Exu.